

UNIVERSIDADE DE LISBOA  
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**MEMÓRIAS DE INFÂNCIA RELATIVAS ÀS PRÁTICAS  
EDUCATIVAS PARENTAIS E VINCULAÇÃO DO  
ADULTO AO PAI E À MÃE**

**Filipa Coelho Cameirinha**

**MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA**

**(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde / Núcleo de Psicologia Clínica  
Dinâmica)**

**2018**

UNIVERSIDADE DE LISBOA  
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**MEMÓRIAS DE INFÂNCIA RELATIVAS ÀS PRÁTICAS  
EDUCATIVAS PARENTAIS E VINCULAÇÃO DO  
ADULTO AO PAI E À MÃE**

**Filipa Coelho Cameirinha**

**Dissertação orientada pela Prof. Doutora Salomé Vieira Santos**

**MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA**

**(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde / Núcleo de Psicologia Clínica  
Dinâmica)**

**2018**

## **Agradecimentos**

À Prof. Doutora Salomé Vieira Santos, pela incansável disponibilidade, pelo auxílio, pelo rumo face aos meus pedidos de ajuda, pelo incentivo e pelo rigor. Por ser tão exigente como é presente nessa exigência, pelo tempo, pelas palavras, pela atenção. Sem a sua orientação, nada (literalmente) disto teria sido possível.

Aos meus colegas de orientação, Constança, Laura, Beatriz e Manuel, porque graças às reuniões semanais, nunca estivemos perdidos, nunca estivemos sozinhos. Em especial ao Manuel, pela partilha do tema e consequente trabalho em equipa tão harmonioso.

Aos meus amigos de sempre e de agora por terem aceite a minha ausência em prol do estudo e da escrita sem nunca deixarem de estar lá. Pelos preciosos momentos de descontração e desabafo, mesmo “meses depois”.

À minha mãe, por ter sempre acreditado e nunca ter desistido, por me ter ensinado os valores do trabalho e da disciplina. Pelo seu amor, carinho e presença.

Aos meus avós, avô Amado e avó Paula, pela minha infância, pelo meu crescimento, por continuarem a ser os meus cúmplices. Para todo o sempre.

Ao meu bisavô, avô Carlos, por desde pequena me dizer que de tanto estudar, ia acabar por dar em maluca, tantas vezes descansei por me lembrar destas palavras. À minha bisavó, avó Bela, por manter a sua memória viva e pelo orgulho com que diz que a sua neta vai ser psicóloga. Consciente e sã, digo: “Avô, consegui!”.

Aos Cameirinha, porque sem escuridão, não há luz.

A todos os que, de alguma forma, contribuíram: pais, mães, professores, colegas de trabalho, amigos e familiares que espalharam a palavra, participaram, partilharam o que sentiam e permitiram que este estudo se concretizasse.

Ao Miguel, companheiro de viagem, pela tranquilidade, pelo exemplo, pelo descanso, pelo amor e apoio incondicionais. Porque através dos seus olhos, vejo outro lado de mim.

O Sentir é mais do que qualquer Palavra aqui escrita.

A todos o meu mais profundo obrigada!

## **Resumo**

O presente estudo incidiu nas memórias de infância relativas às práticas educativas parentais e na percepção de adultos da vinculação ao pai e à mãe. Os objetivos foram os seguintes: analisar, comparativamente, um grupo de homens e um grupo de mulheres nas dimensões referidas e, em cada grupo, explorar a relação entre estas dimensões e averiguar se há variações com base na escolaridade (12 ou menos anos *vs* ensino superior). Participaram no estudo 137 indivíduos, 77 mulheres e 60 homens. Foram utilizados o EMBU Memórias de Infância e o Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe (QVPM), para além de um Questionário Sociodemográfico. Os resultados indicaram que, na comparação entre os grupos, relativamente às memórias de infância as mulheres recordaram mais Sobreproteção paterna e materna, reportando ainda, face à vinculação do adulto, mais Ansiedade de Separação na relação com o pai e a mãe, e maior Inibição da Exploração e Individualidade na relação com a mãe. Em ambos os grupos, a Inibição da Exploração e Individualidade associou-se com todas as dimensões das memórias de infância ocorrendo também associações do Suporte Emocional e da Rejeição com a Qualidade do Laço Emocional e com a Ansiedade de Separação, não sendo, no entanto, completamente sobreponíveis os resultados para mulheres e homens. Nos dois grupos, os participantes com uma escolaridade mais baixa (*vs*. mais alta) tenderam a relatar menos Suporte Emocional por parte da mãe, referindo ainda os homens níveis mais elevados de Ansiedade de Separação face ao pai e à mãe, e de Inibição da Exploração e Individualidade na relação com a mãe. Em geral, os resultados enquadram-se na literatura e contribuem para a compreensão da relação entre memórias de infância e vinculação ao pai e à mãe, a qual não tem sido explorada na literatura com adultos.

Palavras-Chave: memórias de infância; vinculação do adulto ao pai e à mãe; homens; mulheres

## **Abstract**

The current study examined recalled childhood memories of parental rearing behavior and the adult's perception of attachment to father and mother. It aims to analyze a group of men and a group of women, comparatively, in the afore-mentioned dimensions, and to explore, within each group, the relationship between these dimensions and to ascertain whether they vary according to level of schooling (12 years or under *vs* higher education). There were 137 participants, 77 women and 60 men. Participants completed the EMBU (Memories of Parental Rearing) and the FMAQ (Father/Mother Attachment Questionnaire), in addition to a questionnaire to collect sociodemographic information. The between-groups comparison indicated that women recalled more paternal and maternal Overprotection (childhood memories), more Separation Anxiety in the relationship with both parents and more Inhibition of Exploration and Individuality in the relationship with their mothers (attachment). For both women and men, Inhibition of Exploration and Individuality was associated with all the dimensions of recalled childhood memories. Rejection and Emotional Warmth were also associated with Quality of Emotional Bond and Separation Anxiety, albeit with different results according to gender. In both groups, participants with a lower level of schooling (*vs* higher) tended to report less maternal Emotional Warmth, and men referred more Separation Anxiety on the part of both parents and higher levels of Inhibition of Exploration and Individuality in the relationship with their mothers. In general, the results are in line with previous research, and contribute to the understanding of the relationship between childhood memories and the adult's perception of attachment to father and mother, which has not yet been explored with adult samples.

**Keywords:** childhood memories; attachment to father and mother; men; women

## Índice

Nota Introdutória .....	8
1. Introdução .....	10
1.1 Memórias de Infância .....	10
1.1.1 Memórias de Infância e Desenvolvimento .....	10
1.1.2 Memórias de Infância Relativas às Práticas Educativas Parentais .....	11
1.1.2.1 Aspetos Conceituais .....	11
1.1.2.2 Estudos Empíricos .....	12
1.2 Vinculação .....	15
1.2.1 Vinculação e Desenvolvimento .....	15
1.2.2 Vinculação do Adulto .....	16
1.2.2.1 Aspetos Conceituais .....	16
1.2.2.1.1 Conceitos Básicos .....	16
1.2.2.1.2 Modelo de Bartholomew e Horowitz .....	19
1.2.2.1.3 Vinculação ao Pai e à Mãe .....	20
1.2.2.2 Estudos Empíricos .....	21
1.3 Memórias de Infância Relativas às Práticas Educativas Parentais e Vinculação ..	23
2. Objetivos e Hipóteses .....	24
3. Método .....	26
3.1 Participantes .....	26
3.2 Instrumentos .....	28
3.2.1 EMBU Memórias de Infância .....	28
3.2.2 Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe (QVPM) .....	29
3.2.3 Questionário Sociodemográfico .....	30
3.3 Procedimento .....	30
3.4 Procedimentos Estatísticos .....	30
4. Resultados .....	32

4.1 Análise das Diferenças entre os Grupos (Mulheres vs Homens) nas Memórias de Infância relativas às Práticas Educativas Parentais e na Vinculação do Adulto ao Pai e à Mãe .....	32
4.1.1 Memórias de Infância relativas às Práticas Educativas Parentais .....	32
4.1.2 Vinculação do Adulto ao Pai e à Mãe .....	33
4.2 Análise das Correlações entre as Memórias de Infância relativas às Práticas Educativas Parentais e a Vinculação do Adulto ao Pai e à Mãe.....	33
4.2.1 Grupo Mulheres.....	33
4.2.2 Grupo Homens.....	35
4.3 Análise das Memórias de Infância relativas às Práticas Educativas Parentais e da Vinculação do Adulto ao Pai e à Mãe com base na Escolaridade.....	36
4.3.1 Memórias de Infância relativas às Práticas Educativas Parentais .....	36
4.3.1.1 Grupo Mulheres.....	36
4.3.1.2 Grupo Homens.....	37
4.3.2 Vinculação do Adulto ao Pai e à Mãe .....	38
4.3.2.1 Grupo Mulheres.....	38
4.3.2.2 Grupo Homens.....	38
5. Discussão .....	40
5.1 Memórias de Infância relativas às Práticas Educativas Parentais .....	40
5.2 Vinculação do Adulto ao Pai e à Mãe .....	41
5.3 Relação das Memórias de Infância relativas às Práticas Educativas Parentais com a Vinculação do Adulto ao Pai e à Mãe.....	43
5.4 Memórias de Infância relativas às Práticas Educativas Parentais e Vinculação do Adulto ao Pai e à Mãe com base na Escolaridade .....	46
6. Conclusão .....	48
7. Referências .....	51

## Índice de Quadros

<b>Quadro 1.</b> Nível de Escolaridade do Grupo Mulheres e do Grupo Homens – Frequências e Percentagens (%).....	26
<b>Quadro 2.</b> Estado Civil do Grupo Mulheres e do Grupo Homens – Frequências e Percentagens (%).....	27
<b>Quadro 3.</b> Tipo de Família do Grupo Mulheres e do Grupo Homens – Frequências e Percentagens (%).....	28
<b>Quadro 4.</b> Comparação do Grupo Mulheres e do Grupo Homens nas Memórias de Infância relativas às Práticas Educativas Parentais – Médias, Desvios-Padrão, Valores de t, e Valores de p).....	32
<b>Quadro 5.</b> Comparação do Grupo Mulheres e do Grupo Homens na Vinculação do Adulto ao Pai e à Mãe – Médias, Desvios-Padrão, Valores de t, e Valores de p).....	33
<b>Quadro 6.</b> Correlações entre as Memórias de Infância relativas às Práticas Educativas Parentais e a Vinculação do Adulto ao Pai e à Mãe – Grupo Mulheres.....	34
<b>Quadro 7.</b> Correlações entre as Memórias de Infância relativas às Práticas Educativas Parentais e a Vinculação do Adulto ao Pai e à Mãe – Grupo Homens.....	35
<b>Quadro 8.</b> Memórias de Infância relativas às Práticas Educativas Parentais com base na Escolaridade (Médias, Desvios-Padrão, Valores de t, e Valores de p) – Grupo Mulheres.....	37
<b>Quadro 9.</b> Memórias de Infância relativas às Práticas Educativas Parentais com base na Escolaridade (Médias, Desvios-Padrão, Valores de t, e Valores de p) – Grupo Homens.....	37
<b>Quadro 10.</b> Vinculação do Adulto ao Pai e à Mãe com base na Escolaridade (Médias, Desvios-Padrão, Valores de t, e Valores de p) – Grupo Mulheres.....	38
<b>Quadro 11.</b> Vinculação do Adulto ao Pai e à Mãe com base na Escolaridade (Médias, Desvios-Padrão, Valores de t, e Valores de p) – Grupo Homens.....	39



## **Nota Introdutória**

O presente estudo analisa as memórias de infância de adultos, relativas às práticas educativas dos seus pais, e a vinculação do adulto ao pai e à mãe.

A importância do vínculo de um indivíduo aos seus pais inicia-se mesmo antes do nascimento, quando começa a ser imaginado na fantasia de cada um deles (Beebe, Knoblauch, Rustin, & Sorter, 2003). A relação precoce mãe-bebê constituiu um foco privilegiado de estudo durante décadas, tendo sido identificada como uma das mais importantes estruturas do funcionamento do novo ser (Bowlby, 1971), estando a gênese da vida mental intrinsecamente alicerçada na qualidade da relação primária (Stern, 2010).

É a partir destas experiências precoces que o indivíduo começa a organizar as primeiras informações mnésicas, orientadoras e antecipatórias do mundo relacional (e.g., Perris & Andersson, 2000). As memórias que o indivíduo forma posteriormente dos comportamentos específicos dos seus pais, em termos de práticas educativas parentais (Darling & Steinberg, 1993), têm influência nas suas características psíquicas ao longo de todo o ciclo de vida (e.g., Campos et al., 2013; Craig et al., 2013).

A teoria da vinculação postula que cada padrão individual reflete as experiências anteriores de cuidado, com início na relação com as figuras parentais (Fraley & Roisman, 2018). Esta relação, não obstante ser, geralmente, estável em termos da sua permanência na vida do indivíduo, sofre alterações ao longo do tempo tanto na interação real como nas representações mentais que o indivíduo constrói dos seus pais (e.g., Canavarro, 1999; Guarnieri, Smorti, & Tani, 2015; Matos, 2002).

As memórias de infância relativas às práticas educativas parentais têm sido estudadas por alguns autores, em particular o seu papel mediador na relação entre outras variáveis (e.g., Brown & Whiteside, 2008; Campos, Besser, & Blatt, 2013). Contudo, são poucos os estudos que analisam esta dimensão em adultos (e pais). Acresce que, apesar da literatura dirigida para a vinculação ser extensa, a que foca a vinculação ao pai e à mãe é mais reduzida, sobretudo em adultos. Espera-se que o presente estudo dê um contributo válido para aumentar a informação nestes domínios, e muito em particular no que diz respeito à relação entre as duas dimensões em causa dada a ausência de investigação que as relacione.

Pretende-se explorar a forma como as memórias de infância e a vinculação se encontram associadas, tendo em conta resultados anteriores contraditórios quanto à estabilidade/mudança dos padrões de vinculação e à influência que as experiências da infância têm no indivíduo adulto em termos das memórias associadas com este período (e.g., Brown & Whiteside, 2008; Craig, Gray, & Snowden, 2013; Hinnen, Sanderman, & Sprangers, 2009; Matos, 2002). Exploram-se igualmente as diferenças, nas dimensões em estudo, em função do sexo do participante, ainda pouco contempladas na literatura no âmbito das dimensões em causa.

Nesta sequência, os objetivos delineados para este estudo prendem-se com a análise das diferenças entre um grupo de homens e um grupo de mulheres nas memórias de infância relativas às práticas educativas parentais, tanto da mãe como do pai, e na vinculação do adulto ao pai e à mãe, explorando-se igualmente, em cada um dos grupos, a relação entre estas dimensões, bem como a sua relação com a escolaridade dos participantes (a carecer de estudo empírico).

Este trabalho está organizado em seis pontos. No primeiro ponto, apresenta-se uma revisão de literatura (teórica e empírica) sobre o tema (memórias de infância e vinculação do adulto), onde se exploram os aspetos conceituais e estudos empíricos recentes no âmbito de ambas as dimensões. Em seguida, indicam-se os objetivos e as hipóteses definidas para o presente estudo. No terceiro ponto, referente ao método, caracterizam-se tanto os participantes e os instrumentos utilizados, como os procedimentos de recolha de dados e de análise estatística dos mesmos. Segue-se, no quarto ponto, a apresentação dos resultados, que são discutidos no ponto seguinte. O último ponto compreende as principais conclusões da pesquisa realizada e sugestões para estudos futuros, sendo também apontadas limitações do estudo empreendido.

## **1. Introdução**

Neste ponto apresenta-se o enquadramento teórico do estudo no âmbito das dimensões visadas, as memórias de infância relativas às práticas educativas parentais e a vinculação do adulto ao pai e à mãe. Em cada um dos subpontos que as contemplam, dá-se primeiro primazia à sua abordagem em termos de desenvolvimento, incidindo-se depois, para cada dimensão, numa análise quer concetual, quer empírica da literatura. Por último, incide-se na relação entre as memórias de infância relativas às práticas educativas parentais e a vinculação do adulto em geral, não particularizada face ao pai e à mãe dado não se ter acedido a literatura específica neste âmbito.

### **1.1 Memórias de Infância**

#### **1.1.1 Memórias de Infância e Desenvolvimento**

O desenvolvimento da memória permite uma complexificação gradual desta, a qual se processa a par dos avanços concetuais cognitivos durante a infância. Thomson (2008) associou o surgir dos vários tipos de memória com diferentes conteúdos adquiridos em momentos distintos do desenvolvimento, culminando no desenvolvimento de competências cognitivas específicas que permitem processos como a evocação livre.

Uma vez que a memória e a perceção se encontram em desenvolvimento durante a infância, Fonagy (2001) dá saliência às distorções sistemáticas que a criança faz do mundo externo. Refere que a relação entre a experiência real e a sua representação é influenciada por diversos fatores, salientando, entre eles, os fatores internos como as fantasias, o afeto e o eventual conflito, bem como a forma como a criança experiencia e codifica a realidade (Fonagy, 2001). Assim, pode ocorrer a recordação de falsas memórias, sem que estas sejam identificadas ou reconhecidas pelo indivíduo dada a sua riqueza de detalhe e semelhança com as verdadeiras (Qin, Ogle, & Goodman, 2008).

Importa também referir alguns aspetos do processamento cognitivo envolvidos na formação das memórias. Por um lado, quando a memória é criada, o processamento da informação pode não ser coerente com a experiência real, pelo que o traço mnésico resultante será igualmente distorcido (Fonagy, 2001). Por outro lado, podem surgir inconsistências entre os acontecimentos específicos vividos com as figuras de vinculação – cujas memórias são elaboradas recorrendo ao armazenamento episódico – e as representações generalizadas sobre as figuras de vinculação – modelos representacionais

construídos a partir do armazenamento semântico (Bowlby, 1980). Para além disso, quando as figuras de vinculação rejeitam, ridicularizam ou punem as iniciativas de vinculação da criança, esta irá desenvolver um sistema defensivo de exclusão dessas memórias, como forma de proteger o seu equilíbrio psíquico (Maia, Veríssimo, Ferreira, Silva, & Pinto, 2014). Os acontecimentos recordados passam, pois, por vários níveis de processamento, os quais poderão originar distorções das memórias associadas ao acontecimento específico.

Independentemente de haver a possibilidade de as memórias não serem concordantes com a realidade, é a partir das experiências precoces das práticas educativas parentais que o indivíduo organiza informações mnésicas que lhe permitem criar expectativas e antecipar o mundo relacional (Perris & Andersson, 2000), daí a pertinência do seu estudo tal como elas se apresentam.

## **1.1.2 Memórias de Infância Relativas às Práticas Educativas Parentais**

### **1.1.2.1 Aspetos Concetuais**

As práticas parentais podem ser definidas como comportamentos específicos dos pais, a que recorrem com o fim de alcançar objetivos particulares, e através dos quais exercem a ação parental (Darling & Steinberg, 1993). Constitui exemplo o recurso ao castigo físico como punição. As práticas parentais distinguem-se dos estilos parentais na medida em que estes correspondem a uma constelação de atitudes dirigidas à criança que, no seu conjunto, criam um clima emocional em que os comportamentos parentais são expressos (Darling & Steinberg, 1993, p. 488).

As práticas educativas parentais têm sido estudadas numa perspetiva de desenvolvimento, considerando-se que a forma como os pais interagem com os filhos tem repercussões que perduram ao longo do ciclo de vida destes, nomeadamente através da perpetuação das memórias sobre essas mesmas práticas (e.g., Canavarro, 1999; McFarland-Piazza, Hazen, Jacobvitz, & Boyd-Soisson, 2012; Rodrigues et al., 2004). Refira-se que a própria perceção da criança acerca das práticas educativas parentais influencia o seu desenvolvimento, por exemplo em termos do funcionamento psicológico, salientando-se, a título ilustrativo, uma associação entre a perceção de práticas de rejeição parental e níveis mais elevados de preocupação (enquanto sintoma) em crianças com ansiedade (Brown & Whiteside, 2008).

As memórias que o indivíduo forma dos comportamentos específicos dos pais têm uma forte influência nas suas características psíquicas, não só durante a infância mas também na idade adulta, constatando-se, por exemplo, que as práticas de rejeição parental se associam com o nível de autocrítica em adulto (Campos et al., 2013) e que as práticas de sobreproteção se associam com um maior pessimismo (Heinonen et al., 2004), e com maldade (défice afetivo, falta de empatia e de laços emocionais com o outro) e desinibição excessiva no adulto (Craig et al., 2013).

Apesar de existirem várias perspetivas sobre esta temática, em seguida abordar-se-á a conceção de Rollins e Thomas (1979), por ser a que está subjacente ao instrumento que irá ser utilizado para medir esta dimensão (EMBU). Os autores procuraram compreender a influência parental na socialização das crianças, caracterizando o comportamento parental em duas dimensões básicas: a tentativa de controlo e o suporte emocional (Rollins & Thomas, 1979). Partindo desta diferenciação, Arrindell e van der Ende (1984), propuseram, ao nível do EMBU, a identificação de três tipos de práticas educativas parentais: a sobreproteção (tentativas de controlo), o suporte emocional e a rejeição (Arrindell & van der Ende, 1984).

Canavarro (1996), no estudo da adaptação portuguesa do EMBU, descreveu as três variáveis da seguinte forma: a *sobreproteção* como o “comportamento de controlo parental, que comporta intrusão por parte dos pais na vida do filho, contato excessivo e infantilização” (Canavarro, 1996, p. 7), prevenindo movimentos de independência por parte da criança; o *suporte emocional* como o conjunto de “comportamentos dos pais perante o filho que fazem sentir este último confortável na sua presença e lhe confirmam a ideia de que é aprovado como pessoa pelos pais” (Canavarro, 1996, p. 7), sendo operacionalizado em comportamentos como aprovação, ajuda e expressão de afeto; a *rejeição* como os “comportamentos dos pais de modificação da vontade dos filhos, sentidos por estes como uma pressão para se comportarem de acordo com o desejo dos pais” (Canavarro, 1996, p. 7), recorrendo, por exemplo, a punição física e a privação de objetos.

#### **1.1.2.2 Estudos Empíricos**

As memórias do indivíduo relativas a práticas educativas parentais têm sido associadas com os relacionamentos da vida adulta, independentemente da natureza de

cada relação – com os pais, os pares, parceiros românticos ou amigos (e.g., Perris & Andersson, 2000). Na explicação desta associação, Perris e Andersson (2000) apontam para a relevância do papel dos modelos internos dinâmicos, resultantes das transações precoces da criança com as figuras de vinculação, os quais influenciam os relacionamentos tardios do indivíduo. Num estudo longitudinal de Asselmann e colaboradores (Asselmann, Knappe, Wittchen, Lieb, & Beesdo-Baum, 2014) concluiu-se que as próprias memórias de infância sobre estas práticas são relativamente estáveis ao longo do tempo.

Os estudos sobre esta temática começaram por ser desenvolvidos com adolescentes. Em alguns desses estudos, verificou-se, por exemplo, uma associação entre as memórias de práticas de rejeição por parte de ambos os progenitores e o sentimento de menor proximidade com a figura materna (Rodrigues et al., 2004), e entre as memórias de falta de cuidados maternos e a presença de psicopatologia no adolescente (Mahedy et al., 2014). Por sua vez, em estudos com adultos salienta-se que as memórias de infância sobre as práticas educativas parentais têm influência em vários domínios da vida adulta como a socialização (Gudjonsson, Sigurdsson, Finnbogadottir, & Smari, 2006), o estilo de vida (Toda, Kawai, Takeo, Rokutan, & Morimoto, 2008) e a presença/ausência de psicopatologia (Akün, 2017), incluindo de sintomatologia depressiva (Campos et al., 2013). Globalmente, estes estudos concluíram que a recordação de práticas de suporte emocional se associa com índices mais positivos de ajustamento psicológico, como uma melhor socialização, ao contrário da recordação de práticas de rejeição, que se associa, por exemplo, com a presença de sintomatologia depressiva (Campos et al., 2013). Também os estilos de vida mais saudáveis (como a prática de exercício físico regular e hábitos alimentares saudáveis) se associaram à perceção de maior sobreproteção parental nas mulheres (Toda et al., 2008). Acresce que a presença de perturbação psicopatológica influencia a recordação das práticas educativas parentais, verificando-se uma diferença naquilo que é recordado consoante o tipo de perturbação – indivíduos com esquizofrenia recordam práticas de rejeição por parte de ambos os pais, indivíduos com ansiedade social recordam práticas de rejeição apenas por parte da mãe, e ambos os grupos recordam mais práticas de rejeição do que as recordadas por indivíduos sem perturbação (Akün, 2017).

É de notar que as memórias de infância relativas às práticas educativas parentais influenciam a forma como, mais tarde na vida, o adulto se relaciona com os próprios filhos (e.g., McFarland-Piazza et al., 2012). Por exemplo, a memória do adulto de ter sido

alvo de negligência por parte da mãe associou-se com maior sensibilidade e menor hostilidade para com os seus filhos, bebês de oito meses (McFarland-Piazza et al., 2012). Este resultado mostra, de acordo com os autores, que as memórias das experiências precoces, mesmo que obtidas num contexto de negligência percebida, são importantes no futuro do adulto, em particular no comportamento parental.

Alguns autores estudaram as diferenças entre grupos de homens e de mulheres nas memórias de infância relativas às práticas educativas parentais. Num estudo em que se compararam indivíduos com e sem perturbação depressiva, foram encontradas diferenças no impacto das práticas educativas parentais associadas ao sexo (Araújo, 2003), tanto do participante como do progenitor para o qual remete a recordação evocada. Os resultados deste estudo apontaram para o relato de menor suporte emocional materno por parte das mulheres e menor suporte emocional paterno por parte dos homens. Para além desta diferença, as mulheres com perturbação depressiva reportaram níveis mais elevados de rejeição e sobreproteção maternas, quando comparadas com os homens (Araújo, 2003). Acresce que, quando se consideram os resultados dentro do mesmo sexo, a diferença entre a amostra clínica e a amostra não clínica, de mulheres, situa-se na perceção da sobreproteção materna - maior sobreproteção evocada no grupo clínico. Para ambos os sexos, identificou-se no grupo com perturbação depressiva memórias de infância que remetem para menor suporte emocional e maior rejeição e sobreproteção, por parte de ambos os progenitores (Araújo, 2003).

Num estudo com amostras não clínicas encontraram-se diferenças nas memórias consoante o sexo do indivíduo, independentemente do sexo do progenitor, ao nível da maior sobreproteção nos homens e da maior da rejeição nas mulheres (Perris & Andersson, 2000). Num outro estudo, o suporte emocional materno foi mais frequentemente recordado pelas mulheres, em comparação com os homens, mas de forma menos consistente na sua demonstração (mais lábil e variável) (Heinonen et al., 2004). Este resultado está em concordância com o apontado por Araújo (2003) no que toca à maior saliência da perceção das práticas educativas do progenitor do mesmo sexo.

De referir ainda que a recordação de diferentes práticas educativas parentais por homens e por mulheres se relaciona com o funcionamento em diferentes domínios. Por exemplo, os homens que reportam uma perceção de menor suporte emocional e de maior sobreproteção por parte da mãe têm maior probabilidade de apresentar sintomas depressivos (Toda et al., 2008) e as mulheres com uma perceção de maior sobreproteção

paterna e materna têm, como se mencionou antes, estilos de vida menos saudáveis (Toda et al., 2008).

Por sua vez, Asselmann et al. (2014) encontraram diferenças na recordação do suporte emocional paterno em função da escolaridade dos participantes, neste caso adolescentes, percebido como mais elevado nos indivíduos com um nível mais alto de escolaridade (especificamente com o Ensino Secundário *versus* a frequentar o 8.º ano).

Da revisão realizada capta-se que são ainda poucos os estudos que analisam de forma específica as memórias relativas a práticas educativas parentais em adultos, esperando-se que o presente estudo dê um contributo válido para aumentar a informação neste domínio.

## **1.2 Vinculação**

### **1.2.1 Vinculação e Desenvolvimento**

A configuração relacional mãe/pai-criança está presente desde os primeiros anos de vida, sendo pertinente considerar aqui, de forma sucinta, a trajetória dessa relação de vinculação ao longo do desenvolvimento. A interação com os cuidadores é central nas experiências precoces da criança e nas primeiras representações que desenvolve (Bowlby, 1971). As características do cuidador e do contexto familiar em que estas interações ocorrem influenciam o tipo de vinculação que a criança irá estabelecer, sendo segura quando se desenvolve em ambientes relacionais estáveis e previsíveis (Matos, 2002). A natureza da vinculação precoce associa-se com o clima relacional posterior entre pais e filhos (e.g., Matos, 2002; Park, Crocker, & Mickelson, 2004; Tereno, Soares, Martins, Celani, & Sampaio, 2008), salientando-se que uma vinculação inicial segura prediz uma relação cuidador-criança pautada por maior suporte emocional (Thomson, 2008).

O *self* desenvolve-se a partir da matriz relacional inicial (ver Stern, 2010), defendendo alguns autores, numa perspetiva psicanalítica, que a origem da vida mental só é possível, no bebé, se existir uma “mente partilhada”, ou seja, se este for pensado na mente do seu cuidador (e.g., Beebe et al., 2003). Estas dinâmicas internas só são exequíveis no contexto relacional em questão e estão presentes tanto no cuidador como na criança, sendo a partir das primeiras interações pais-filhos que se inicia o processo de construção dos modelos internos dinâmicos da criança. Este processo encontra-se condicionado por características do desenvolvimento desta, como o nível de



diferenciação eu-outro ou o grau de consciência interpessoal (e.g., Fonagy, 2001), que influenciam a forma como a criança se percebe a si própria, ao mundo e às suas interações.

A importância dos laços familiares mantém-se no tempo (e.g., Guarnieri, Smorti, & Tani, 2015), ganhando, no entanto, novos contornos de reciprocidade, complementaridade e de estatuto e poder (Canavarro, 1999; Matos, 2002). Acresce que, a partir da adolescência, as funções de vinculação dos pais são gradualmente transferidas para os pares (Matos, 2002) e para as relações românticas (Ávila, Cabral, & Matos, 2012), havendo uma maior autonomização do indivíduo. O jovem adulto, por sua vez, tem a oportunidade de não só rever as crenças acerca de si próprio e do outro, construídas em experiências anteriores, mas também de participar na redefinição dos papéis familiares (Matos & Costa, 1996).

### **1.2.2 Vinculação do Adulto**

Tem sido identificada uma congruência entre a vinculação na infância e na idade adulta (Hazan & Shaver, 1987, citado por Canavarro, 1999). Bowlby (1971) referiu-se ao comportamento de vinculação do adulto como traduzindo uma continuidade do comportamento de vinculação da criança. Importa, contudo, referir que a vinculação do adulto não é uma tradução literal das experiências de vinculação da infância (e.g., Bretherton, 1992; Greenberg, Siegel, & Leitch, 1983; Hazan & Shaver, 1994; Matos & Costa, 1996).

Abordam-se em seguida aspetos específicos da relação de vinculação no adulto e seus antecedentes (ponto 1.2.2.1.1), bem como um modelo de compreensão e avaliação deste tipo de vinculação (ponto 1.2.2.1.2) subjacente ao instrumento utilizado no presente estudo para avaliar esta dimensão e, por fim, a vinculação do adulto ao pai e à mãe (ponto 1.2.2.1.3).

#### **1.2.2.1 Aspetos Conceituais**

##### **1.2.2.1.1 Conceitos Básicos**

A abordagem à temática da vinculação parte de dois autores incontornáveis neste domínio - John Bowlby e Mary Ainsworth. Bowlby introduz o conceito de vinculação

como tendo uma função biológica, de proximidade com figuras que permitem a sobrevivência da criança (Bowlby, 1971), e desenvolve-o em termos dos afetos associados a este sistema comportamental (cuidador-criança), nomeadamente o desespero face à perda da figura de vinculação, a ansiedade perante a ameaça dessa perda e a zanga elicítada em ambas as situações (Bowlby, 1971). Ainsworth definiu o conceito de vinculação como o laço afetivo que a criança forma com a figura materna, duradouro e transversal aos vários contextos (Ainsworth, Blehar, Waters, & Wall, 1978) e desenvolveu um procedimento laboratorial (“Situação Estranha”) para analisar a resposta da criança à separação/reunião com a figura de vinculação (Ainsworth et al., 1978). Identifica três padrões de vinculação, um seguro e dois inseguros (ansioso/ambivalente e evitante), que se distinguem por existir, no primeiro caso, sincronia/concordância entre a necessidade de segurança da criança e aquela que é proporcionada pela figura de vinculação, não existindo esta sincronia no segundo caso (Ainsworth et al., 1978). Quanto ao comportamento do cuidador, a sua sensibilidade, responsividade e contingência face às necessidades do bebé são características essenciais na relação precoce com este, em prol do seu desenvolvimento mental (Ainsworth et al., 1978).

Partindo desta identificação feita por Ainsworth, Matos (2002) refere que a vinculação pode ser vista como o “desenvolvimento da confiança da criança (e por extensão do jovem e do adulto) na disponibilidade e sensibilidade das figuras de vinculação para responder às suas necessidades” (Matos, 2002, p. 38). Esta confiança constrói-se a partir de um laço afetivo com a/o mãe/cuidador, insubstituível no seu significado emocional, que gradualmente se estabelece como figura de proteção e cuja separação conduz a perturbação (*distress*) (Ainsworth et al., 1978, ver também Fonagy, 2001). A vinculação do adulto, por sua vez, pode ser definida como uma “tendência estável” para a manutenção da proximidade e contacto com figuras específicas, percecionadas como potenciais fontes de segurança (Berman & Sperling, 1994, citados por Canavarro, 1999).

Independentemente da faixa etária que esteja em causa, a relação de vinculação tem três características principais (Shaver & Mikulincer, 2009), que se prendem com o facto de a figura de vinculação ser perspectivada como alguém cuja proximidade é desejada, existindo ansiedade face à separação da mesma, que se constitui como um “refúgio”, por oferecer segurança, proteção e conforto, e que, por isso, é uma base segura, que permite o restabelecimento do equilíbrio emocional.

A resposta da criança à separação é explicada através de um sistema cognitivo elaborado de avaliação da partida da mãe, reportando-se a um conjunto gradualmente complexo de processos avaliativos inconscientes (Fonagy, 2001), os modelos internos dinâmicos. Estes são a base dos padrões de vinculação, tanto da criança como do adulto (Shaver & Mikulincer, 2009). Os modelos internos dinâmicos de vinculação referem-se ao conjunto de expectativas que a criança desenvolve sobre si própria, o mundo e os outros, tendo por base as primeiras experiências de vinculação à mãe (Bowlby, 1971). Essa expectativa recai sobre a acessibilidade e responsividade da figura de vinculação (Bowlby, 1980), criando representações mentais sobre a interação com a mesma (Bowlby, 1971; ver também Hinnen et al., 2009), complementadas com um modelo de competência pessoal (Bowlby, 1971; ver Canavarro, 1999). Os modelos internos dinâmicos são usados como “grelha de leitura” (Matos, 2002, p. 36) das várias experiências do indivíduo que, no seu conjunto, influenciam os padrões de vinculação ao longo do desenvolvimento (e.g., Fraley & Roisman, 2018). Assim, os modelos internos dinâmicos são, segundo Canavarro (1999), persistentes ao longo do tempo e transversais a relações de diferente natureza. Constituem-se como “elos de ligação entre experiências de vinculação e relações interpessoais posteriores” (Canavarro, 1999, p. 40), sendo ativos, contínuos e organizadores das relações interpessoais ao longo do ciclo de vida do indivíduo (Canavarro, 1999). Estes viabilizam a construção (e entendimento) de novas experiências coerentes com o passado (Thomson, 2008), contribuindo para a perpetuação das experiências da infância, e do seu significado, até à idade adulta (Hinnen et al., 2009).

Ao longo do tempo, os modelos internos dinâmicos são revistos e atualizados, possibilitando a exploração de alternativas que os tornam mais flexíveis e verdadeiramente dinâmicos (e.g., Matos, 2002). As mudanças podem ocorrer em função de alterações na relação com as figuras de vinculação, na criança, ou decorrentes de acontecimentos de vida do adulto considerados normativos como o casamento ou o nascimento de um filho (Matos, 2002). Acresce que o papel ativo dos modelos internos dinâmicos pode contribuir para possíveis distorções de experiências passadas, uma vez que quando a informação que deveria atualizar o modelo é demasiado dolorosa dá-se uma exclusão dessa informação (Matos, 2002), verificando-se enviesamentos ao nível dos processos dinâmicos de processamento da mesma (Maia et al., 2014) através destas estratégias defensivas (ver Shaver & Mikulincer, 2005).

#### 1.2.2.1.2 Modelo de Bartholomew e Horowitz

O instrumento utilizado neste estudo para avaliar a vinculação ao pai e à mãe foi construído com base não só na perspectiva teórica de Bowlby e Ainsworth, mas também no modelo de Bartholomew, desenvolvido com maior detalhe por Bartholomew e Horowitz, daí a pertinência da atenção destacada que lhe é dada neste ponto. Bartholomew (1990) propôs um modelo de vinculação do adulto, o qual foi desenvolvido e testado em colaboração com Horowitz, através de dois estudos empíricos que o validaram (Bartholomew & Horowitz, 1991).

Este modelo apresenta-se como uma alternativa à categorização clássica das relações de vinculação, uma vez que inclui o potencial para que, no mesmo indivíduo, se possam encontrar características tipicamente associadas a diferentes padrões de vinculação (Bartholomew, 1990). É, por isso, um modelo prototípico (Bartholomew, 1990) ou dimensional (Fonagy, 2001). A partir da conceptualização de Bowlby de modelos internos dinâmicos, Bartholomew e Horowitz (1991) consideraram como fonte de orientação de um indivíduo adulto nas suas relações próximas o conjunto das perceções do indivíduo de si próprio (*modelo de si próprio*) e dos outros (*modelo do outro*). O modelo de si próprio inclui a crença do indivíduo de que é merecedor de atenção e amor, sendo capaz de suscitar respostas apropriadas das figuras de vinculação, enquanto que o modelo do outro diz respeito à acessibilidade e responsividade percebidas nas figuras de vinculação (Bartholomew, 1990; Bartholomew & Horowitz, 1991; ver também Matos, 2002). Ambos os modelos (de si próprio e do outro) variam de forma independente, e permitem caracterizar os protótipos de vinculação definidos por Bartholomew e Horowitz: seguro (equivalente ao padrão de vinculação seguro), preocupado, desinvestido e amedrontado (equivalentes ao padrão de vinculação inseguro). Os protótipos de vinculação podem ser entendidos como “modelos internos dinâmicos específicos que determinam o comportamento dos indivíduos em resposta à separação das figuras de vinculação” (Canavarro, 1999, p. 122), sendo processos de regulação emocional e interpessoal (Bartholomew, 1990; ver também Duarte, 2005).

Sucintamente, os indivíduos que sejam predominantemente de cada padrão podem caracterizar-se da seguinte forma (Bartholomew, 1990; Bartholomew & Horowitz, 1991; ver também Matos 2002): *protótipo de vinculação seguro*, com ambos os modelos (de si e do outro) positivos, capazes de estabelecer relações de intimidade sem perder a autonomia; *protótipo de vinculação preocupado*, com um modelo de si negativo e do

outro positivo, o que faz com que procurem exageradamente atenção, envolvendo-se com os outros de forma idealizada, demasiado próxima e inadequada na sua expressividade; *protótipo de vinculação desinvestido*, com uma auto-imagem positiva, mas uma imagem do outro negativa o que leva a que evitem a intimidade e valorizem a conquista pessoal independente (ver também Feeney, 2008), a invulnerabilidade face a sentimentos negativos e a autoconfiança elevada; *protótipo de vinculação amedrontado*, com ambos os modelos (de si e do outro) negativos, evitam a intimidade como forma de minimizar eventuais perdas e/ou rejeições (ver também Feeney, 2008), apesar de serem dependentes da aprovação do outro para manterem uma boa auto-estima (ver também Park et al., 2004).

#### **1.2.2.1.3 Vinculação ao Pai e à Mãe**

Dado que as relações de vinculação do indivíduo podem ser descritas, globalmente, atendendo aos protótipos anteriormente indicados, a relação de vinculação ao pai e à mãe tem características específicas, sendo caracterizada pelas seguintes dimensões: *inibição da exploração e da individualidade*, que diz respeito às restrições colocadas à expressão da individualidade própria do adulto, em que, decorrente desta supressão, “a figura parental não é percebida como apoiante e sensível às necessidades do sujeito” (Matos, 2002, p. 372), e tem “atitudes que dificultam a construção de uma identidade separada” (Duarte, 2005, p. 225); *ansiedade de separação*, que remete para relações com um cariz de maior dependência, em que predomina a “experiência de ansiedade e de medo da separação da figura de vinculação” (Matos, 2002, p. 373); *qualidade do laço emocional*, que se refere à “importância da figura parental enquanto figura de vinculação [em termos afetivos] percebida como fundamental e única no desenvolvimento do sujeito, a quem este recorrerá em situações de dificuldade e com quem projeta uma relação duradoura” (Matos, 2002, p. 373). O modelo com estas três dimensões foi validado anteriormente com população portuguesa (ver Matos, Barbosa, Almeida, & Costa, 1999).

As dimensões apresentam configurações diferentes dependendo do protótipo de vinculação predominante no indivíduo. Especificamente, o padrão de vinculação segura corresponde a valores mais elevados na qualidade do laço emocional e a valores inferiores na perceção de ansiedade de separação e na inibição da exploração e individualidade; o padrão de vinculação insegura (protótipos desinvestido, preocupado e amedrontado) corresponde a valores mais elevados na perceção da ansiedade de separação e na inibição

da exploração e individualidade, e valores mais baixos da qualidade do laço emocional (Gouveia & Matos, 2011; Mota, 2008; Silva & Costa, 2005).

#### **1.2.2.2 Estudos Empíricos**

A literatura dirigida para a vinculação é muito extensa, sendo em menor número aquela que foca especificamente a vinculação do adulto na relação com o pai e com a mãe na população adulta. Salienta-se que a vinculação ao pai e à mãe tem sido estudada em diferentes níveis de desenvolvimento. Na infância, apontam-se diferenças entre rapazes e raparigas, que estão presentes antes da idade escolar (e.g., Fernandes et al., 2018), tendo as crianças do sexo feminino uma relação mais próxima com a mãe. Num estudo com adolescentes (Anastácio & Nobre-Leitão, 2015) verificaram-se diferenças significativas na perceção da vinculação ao pai e à mãe, apresentando os rapazes resultados mais elevados do que as raparigas relativamente à vinculação a ambos os progenitores. No entanto, tanto para os rapazes como para as raparigas, a vinculação à mãe era mais forte, em termos da maior confiança e comunicação (Anastácio & Nobre-Leitão, 2015).

Relativamente aos estudos feitos com jovens adultos (maioritariamente estudantes universitários) e adultos, a vinculação aos pais associou-se com medidas de autoestima e de satisfação com a vida, com níveis mais elevados quanto melhor fosse essa relação (e.g., Greenberg et al., 1983; Guarnieri et al., 2015). Verificou-se que as diferenças ao nível de autoestima variam com o padrão de vinculação; por exemplo, os indivíduos com um padrão amedrontado de vinculação têm níveis de autoestima mais baixa do que os indivíduos com um padrão seguro (Park et al., 2004).

No que diz respeito a estudos que utilizam o instrumento usado neste estudo para avaliar a dimensão em causa, o QVPM (Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe), a vinculação ao pai e à mãe foi também associada com outras dimensões tais como a generatividade (Abrantes & Matos, 2010), a identidade (Ávila et al., 2012) e o conflito conjugal (Duarte, 2005). Acedeu-se a alguns estudos que incidem em diferentes níveis de desenvolvimento: adolescentes (e.g., Barbosa, Almeida, & Costa, 1999; Matos, 2002; Moura & Matos, 2008), jovens adultos (e.g., Barbosa, 2008; Oliveira, 2005; Silva & Costa, 2005; Sobral, Almeida, & Costa, 2010) e adultos (e.g., Abrantes & Matos, 2010; Cordeiro, 2012; Duarte, 2005; Ramalho, 2008). Em estudos com adolescentes, concluiu-se que as raparigas, comparativamente com os rapazes, revelam uma maior ansiedade de

separação com ambas as figuras parentais (Moura & Matos, 2008), uma maior qualidade do laço emocional na relação com a mãe e uma maior inibição da exploração e individualidade com o pai (Matos et al., 1999). Acresce que a vinculação ao pai e à mãe pautada por menor qualidade do laço emocional parece estar associada a um funcionamento mais problemático, por exemplo ao uso desajustado das redes sociais (Assunção & Matos, 2017) ou à presença de ideação suicida (Nunes & Mota, 2017). Relativamente aos padrões de vinculação, os resultados são dispare, ora indicando-se uma prevalência do padrão de vinculação amedrontado nos rapazes e do padrão de vinculação preocupado nas raparigas (Mota, 2008), ora não se obtendo diferenças significativas consoante o sexo (Barbosa, 2008).

Em estudos com adultos, verificaram-se diferenças em função do sexo do participante, consoante estava em causa a relação com o pai ou com a mãe: na relação com o pai, os homens apresentaram valores mais elevados na inibição da exploração e da individualidade (Duarte, 2005; Ramalho, 2008) e menor qualidade do laço emocional (Duarte, 2005); na relação com a mãe, as mulheres reportaram uma maior ansiedade de separação (Duarte, 2005), e uma maior inibição da exploração e da individualidade (Abrantes & Matos, 2010). Ainda em termos das diferenças nas relações com o pai e com a mãe, quando considerado, apenas, o sexo dos mesmos, foram apontados valores mais elevados de inibição da exploração e individualidade na relação com o pai e valores mais elevados de qualidade do laço emocional e ansiedade de separação na relação com a mãe (Oliveira, 2005). Outros resultados apontaram para diferenças entre homens e mulheres, independentemente de a relação contemplada ser com o pai ou com a mãe: níveis mais elevados de ansiedade de separação (Cordeiro, 2012; Oliveira, 2005; Ramalho, 2008) e de qualidade do laço emocional (Cordeiro, 2012; Oliveira, 2005) registados nas mulheres, e valores mais altos de inibição da exploração e da individualidade reportados pelos homens (Cordeiro, 2012).

No estudo de Ramalho (2008) analisou-se ainda o papel da escolaridade do indivíduo, tendo sido comparados indivíduos que se encontravam a frequentar um curso profissional ou universitário com aqueles que possuíam o 12.º ano ou inferior. A autora encontrou diferenças nas dimensões da vinculação do adulto ao pai, mas não à mãe, reportando os participantes com escolaridade até ao 12º ano uma menor qualidade do laço emocional e menos ansiedade de separação.

### **1.3 Memórias de Infância Relativas às Práticas Educativas Parentais e Vinculação**

Na revisão de literatura conduzida para a realização deste estudo, não foram encontradas referências que tenham incidido na exploração da relação específica entre as memórias de infância sobre as práticas educativas parentais e a vinculação do adulto ao pai e à mãe. Os estudos que abordam a relação entre dimensões equivalentes às analisadas neste trabalho, focam-se, maioritariamente, na vinculação do adulto sem especificar a relação com o pai e com a mãe. Consequentemente, os resultados que se apresentam em seguida decorrem de estudos que analisam as memórias de infância e a vinculação do adulto, no geral.

Salienta-se uma concordância nos resultados que dizem respeito a diferentes níveis de desenvolvimento, destacando-se em seguida resultados referentes às memórias de crianças, adolescentes, jovens adultos e adultos, ainda que apenas dois dos estudos tenham sido realizados com crianças e adolescentes (Brown & Whiteside, 2008; Rodrigues et al., 2004). Assim, verificou-se que os indivíduos com uma vinculação segura recordam níveis mais elevados de suporte emocional parental (Brown & Whiteside, 2008; Canavarro, 1999; Hinnen et al., 2009; Perris & Andersson, 2000; Rodrigues et al., 2004) e uma menor sobreproteção materna (Tereno et al., 2008). Por seu turno, os indivíduos com uma vinculação insegura, recordam níveis mais baixos de suporte emocional (Tereno et al., 2008), e mais altos de sobreproteção (Craig et al., 2013; Heinonen et al., 2004; Perris & Andersson, 2000) e de rejeição (Brown & Whiteside, 2008; Hinnen et al., 2009; Perris & Andersson, 2000; Rodrigues et al., 2004), por parte de ambos os progenitores. No entanto, é evidente alguma inconsistência de resultados, pois alguns autores não encontram uma associação entre dimensões das memórias de infância relativas às práticas educativas parentais e a vinculação do adulto, designadamente face à rejeição (Matos, 2002) e à sobreproteção (Hinnen et al., 2009; Matos, 2002).

Visto que as memórias de infância aqui estudadas são relativas a práticas educativas parentais e que Qin et al. (2008) apontam para a existência de uma relação entre as memórias de acontecimentos precoces da infância e o padrão de vinculação do adulto, no geral, parece relevante fazer uma exploração considerando especificamente a relação com o pai e com a mãe. Tal é ainda mais pertinente, dada a escassez de estudos no âmbito da literatura dirigida para a vinculação ao pai e à mãe, a qual, embora tenha vindo a incidir em adolescentes e jovens adultos, é parca quando está em causa a população adulta, e mais ainda quando esta engloba pais. De facto, apenas foram encontrados dois estudos



com pais, de adolescentes (Abrantes & Matos, 2010) e de bebês com dois meses (Heinonen et al., 2004), não se tendo acedido a nenhum com pais de crianças em idade escolar (contemplados na presente pesquisa). Face à relação entre as duas dimensões investigadas (memórias de infância relativas às práticas educativas parentais e vinculação do adulto ao pai e à mãe), não se conseguiu encontrar qualquer estudo que a aborde, recorrendo-se por isso, e de acordo com o já referido, a literatura na área da vinculação em geral (na relação com as memórias de infância), pelo que foi realizada uma abordagem apenas aproximada a este tema. Nesta sequência, espera-se que o presente estudo constitua um contributo válido para aumentar o conhecimento associado às dimensões estudadas e à sua relação.

## **2. Objetivos e Hipóteses**

Foram definidos quatro objetivos principais para este estudo, e as respetivas hipóteses, explicitados em seguida.

1. Analisar, comparativamente, um grupo de homens e um grupo de mulheres nas memórias de infância relativas às práticas educativas parentais (da mãe e do pai). Espera-se que as mulheres, comparativamente com os homens, reportem uma recordação de mais sobreproteção, tanto paterna como materna (H1a) e apresentem uma recordação de mais suporte emocional, pelo menos materno (H1b), colocando-se ainda a hipótese de mais rejeição (materna e/ou paterna) (H1c). De notar que todas estas hipóteses têm um carácter quase exploratório dada a escassez de estudos que comparem homens e mulheres nestas variáveis.

2. Analisar, comparativamente, um grupo de homens e um grupo de mulheres na vinculação do adulto ao pai e à mãe. Estima-se que os homens, reportem uma menor qualidade do laço emocional, pelo menos com o pai (H2a), e que as mulheres revelem uma maior ansiedade de separação com a mãe (H2b), prevendo-se ainda que, nas mulheres, os níveis de inibição da exploração e individualidade sejam mais elevados na relação com a mãe (H2c). De notar que, mais uma vez, as hipóteses foram colocadas com base em poucos estudos, tendo em conta que é reduzido o número dos que abordam adultos, comparam homens e mulheres, e consideram a relação com o/a pai/mãe.

3. Explorar a relação entre as memórias de infância relativas às práticas educativas parentais e a vinculação do adulto ao pai e à mãe, em cada um dos grupos (homens e mulheres). Prevê-se encontrar uma associação entre pelo menos algumas dimensões das memórias de infância – suporte emocional, rejeição e sobreproteção – e algumas dimensões da vinculação ao pai e à mãe – ansiedade de separação, inibição da exploração e individualidade, e qualidade do laço emocional - (H3), colocando-se apenas uma hipótese geral dada a ausência de literatura que permita fundamentar uma maior especificação.

4. Analisar, em cada um dos grupos (homens e mulheres), se as memórias de infância relativas às práticas educativas parentais e a vinculação do adulto ao pai e à mãe variam em função a escolaridade. Espera-se que ocorram variações em pelo menos uma das dimensões relativas quer às memórias de infância (H4a), quer à vinculação ao pai e à mãe (H4b), não se introduzindo, mais uma vez, uma maior especificação devido à insuficiência de estudos neste âmbito.

### 3. Método

#### 3.1 Participantes

Participaram no estudo 137 indivíduos, 77 do sexo feminino (56%; Grupo Mulheres) e 60 do sexo masculino (44%; Grupo Homens). A média de idades das participantes do Grupo Mulheres é 43.36 anos ( $DP = 4.45$ ), com uma idade mínima de 29 anos e uma idade máxima de 53 anos. No que diz respeito aos participantes do Grupo Homens, a sua média de idades é 45.61 anos ( $DP = 5.55$ ), sendo a idade mínima 32 anos e a máxima 56 anos. A maioria dos participantes era de etnia caucasiana (97.3% no Grupo Mulheres e 98.2% no Grupo Homens; de referir que, em cada um dos grupos, um participante era de etnia africana e que no Grupo Mulheres um era de etnia mista, havendo em cada grupo a omissão da informação respetiva por parte de três participantes). Nos dois grupos, a quase totalidade dos participantes trabalhava a tempo inteiro (94.7% no Grupo Mulheres e 98.3% no Grupo Homens; no primeiro grupo havia ainda 3.9% que trabalhavam a tempo parcial e 1.3% que estavam numa situação de desemprego, e no segundo grupo havia um caso em situação de reforma, tendo ocorrido a omissão de informação por parte de um participante do Grupo Homens).

No Quadro 1 apresentam-se as frequências e percentagens relativas à escolaridade de ambos os Grupos. Observa-se que mais de metade dos participantes tinha uma escolaridade ao nível do Ensino Superior (66.2% no Grupo Mulheres e 61% no Grupo Homens).

#### Quadro 1

*Nível de Escolaridade do Grupo Mulheres e do Grupo Homens – Frequências e Percentagens (%)*

Nível de Escolaridade	Frequências (%)	
	Mulheres	Homens
4 a 6 anos	2 (2.6)	1 (1.7)
7 a 9 anos	4 (5.2)	4 (6.8)
10 a 12 anos	11 (14.3)	13 (22)
Ensino Técnico-Profissional	9 (11.7)	5 (8.5)
Ensino Superior	51 (66.2)	36 (61)

$n_{\text{Mulheres}} = 77$ ,  $n_{\text{Homens}} = 59$ .

Os dois grupos são homogéneos no que se refere à etnia (Teste Exato de Fisher – 2.65,  $p = .823$ ), situação laboral (Teste Exato de Fisher – 2.82,  $p = .813$ ) e escolaridade (Teste Exato de Fisher – 6.02,  $p = .074$ ).

No Quadro 2 figuram as frequências e percentagens referentes ao estado civil dos participantes dos dois grupos. Destaca-se que a maioria era casada, ou vivia em união de facto (89.6% no Grupo Mulheres e 93.3% no Grupo Homens); no Grupo Mulheres, duas participantes eram viúvas. Os grupos são homogéneos nesta variável (Teste Exato de Fisher – 1.32,  $p = .669$ ).

## Quadro 2

*Estado Civil do Grupo Mulheres e do Grupo Homens – Frequências e Percentagens (%)*

Estado Civil	Frequências (%)	
	Mulheres	Homens
Casado(a)/ União de Facto	69 (89.6)	56 (93.3)
Divorciado(a)/Separado(a)	6 (7.8)	4 (6.7)
Viúvo(a)	2 (2.6)	-

$n_{\text{Mulheres}} = 77$ ,  $n_{\text{Homens}} = 60$ .

No Quadro 3 apresentam-se as frequências e percentagens relativas ao tipo de família dos participantes de ambos os grupos. Sobressai que quase 90% pertenciam a uma família nuclear (88.9% no Grupo Mulheres e 89.7% no Grupo Homens), tendo ocorrido a omissão de informação por parte de cinco participantes do Grupo Mulheres e por parte de dois do Grupo Homens.

### Quadro 3

*Tipo de Família do Grupo Mulheres e do Grupo Homens – Frequências e Percentagens (%)*

Tipo de Família	Frequências (%)	
	Mulheres	Homens
Nuclear	64 (88.9)	52 (89.7)
Monoparental masculina	-	1 (1.7)
Monoparental feminina	5 (6.9)	1 (1.7)
Monoparental feminina alargada	1 (1.4)	-
Reconstruída	2 (2.8)	4 (6.9)

$n_{\text{Mulheres}} = 72$ ,  $n_{\text{Homens}} = 58$ .

Nos dois grupos, o número de filhos dos participantes variou entre 1 e 4, com uma média de 1.99 ( $DP = .68$ ) no Grupo Mulheres e de 2.08 ( $DP = .72$ ) no Grupo Homens. Os grupos são homogêneos relativamente ao tipo de família (Teste Exato de Fisher – 4.80,  $p = .228$ ) e também não se distinguem de forma significativa no número de filhos [ $t(134) = -.80$ ,  $p = .426$ ].

## 3.2 Instrumentos

### 3.2.1 EMBU Memórias de Infância

O EMBU Memórias de Infância é um instrumento de autorrelato de avaliação das memórias de práticas educativas parentais, construído por Perris, Jacobsson, Lindström, von Knorring, e Perris (1980). Arrindell e van der Ende (1984) estudaram a validade de conteúdo do EMBU, tendo contribuído para a sua estruturação tal como ele é utilizado no presente estudo (versão reduzida de 23 itens face à versão original de 81 itens). A adaptação portuguesa do EMBU foi desenvolvida por Canavarro (1996). O instrumento mede a frequência da ocorrência de determinadas práticas educativas durante a infância e adolescência do indivíduo em relação ao pai e à mãe, separadamente. A resposta a cada item é dada através de uma escala do tipo *Likert* de 4 pontos (“Não, nunca”, “Sim, ocasionalmente”, “Sim, frequentemente” e “Sim, a maior parte do tempo”). O EMBU é constituído por 23 itens distribuídos por três subescalas: Suporte Emocional (ex.: “Os meus pais elogiavam-me.”), Rejeição (ex.: “Os meus pais eram severos ou zangavam-se comigo sem me explicarem porquê.”) e Sobreproteção (ex.: “Quando chegava a casa

*tinha de contar tudo o que tinha feito.*”). Quanto mais elevado for o resultado (de cada subescala), mais frequente é o recurso a práticas educativas do domínio respetivo.

As propriedades psicométricas do instrumento são aceitáveis, tanto no estudo original (Arrindell & van der Ende, 1984) como na adaptação portuguesa (Canavarro, 1996). Em estudos recentes, são apontados bons índices de fiabilidade e validade (e.g., Campos et al., 2013; Hinnen et al., 2009), nomeadamente com a apresentação de uma consistência interna com valores de *alfa* adequados (entre .73 e .91).

### **3.2.2 Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe (QVPM)**

Por forma a avaliar as representações de vinculação dos adultos ao pai e à mãe, foi utilizado o QVPM, desenvolvido em 2001 por Matos e Costa (ver Matos, 2002). Trata-se de um instrumento de autorrelato, desenvolvido em Portugal, que tem como objetivo avaliar em que medida certas características específicas de vinculação estão presentes na relação do indivíduo com cada um dos seus pais, durante o seu processo de crescimento. Duarte (2005) procedeu a uma alteração ao nível da redação dos itens com vista a obter uma versão retrospectiva do instrumento (usada neste estudo), contemplando esta alteração uma mudança no tempo dos verbos, que passaram a estar formulado no passado. O QVPM é constituído por 30 itens; a resposta a cada um deles é dada com base numa escala do tipo *Likert*, de seis pontos (“Discordo Totalmente”, “Discordo”, “Discordo Moderadamente”, “Concordo Moderadamente”, “Concordo” e “Concordo Totalmente”), indicando-se em duas colunas separadas a resposta face ao pai e à mãe. Os itens estão organizados em três subescalas, cada uma com 10 itens: Inibição da Exploração e Individualidade (IEI; ex.: “*Os meus pais dificilmente me davam ouvidos.*”), Ansiedade de Separação (AS; ex.: “*Eu e os meus pais era como se fôssemos um só.*”), e Qualidade do Laço Emocional (QLE; ex.: “*Os meus pais conheciam-me bem.*”). Quanto mais alto for o resultado de cada subescala, maior será a presença da respetiva dimensão na relação do indivíduo com o pai ou com a mãe.

Em estudos recentes, com várias amostras portuguesas, têm sido confirmadas as qualidades psicométricas do QVPM (e.g., Abrantes & Matos, 2010; Ávila et al., 2012; Cordeiro, 2012; Matos, 2002; Moura, Spill, & Matos, 2010; Sobral et al., 2010), em termos da sua estrutura fatorial, validade de constructo e fiabilidade, nomeadamente com

a apresentação de uma consistência interna com valores de *alfa* de Cronbach elevados (entre .79 e .95).

### **3.2.3 Questionário Sociodemográfico**

Os participantes responderam a um conjunto de questões de um questionário desenvolvido por Santos e Narciso (2014), utilizado na investigação alargada em que este estudo se inscreve (ver ponto 3.3), com vista à recolha de informação sociodemográfica (e.g., idade, nível de escolaridade, situação laboral, estado civil).

### **3.3 Procedimento**

O presente estudo insere-se, como se referiu antes, numa investigação mais lata, centrada na parentalidade e família de origem, da responsabilidade da Prof. Doutora Salomé Vieira Santos e da Prof. Doutora Isabel Narciso (docentes da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa).

Os participantes foram recrutados a partir do método bola de neve (amostragem não probabilística) e numa instituição de ensino privado de Lisboa entre dezembro de 2017 e abril de 2018. Dado que este estudo se inscreve na investigação supramencionada, os critérios de inclusão decorreram desta pesquisa, especificamente, os adultos inquiridos serem pais de crianças em idade escolar (entre os 5/6 e os 12 anos; podiam ter 5 anos desde que frequentassem o 1º ano de escolaridade) e residirem com os filhos (pelo menos durante duas semanas por mês).

O protocolo de investigação foi entregue (em envelope fechado) diretamente aos participantes ou via professora (no caso da instituição de ensino). Dele faziam parte, para além dos instrumentos e das respetivas instruções de preenchimento, informação detalhada sobre o estudo, as condições de participação e um termo de consentimento informado (onde o participante subscrevia a sua aceitação em participar).

### **3.4 Procedimentos Estatísticos**

O tratamento estatístico dos dados foi feito a partir do *software* informático *IBM SPSS Statistics*, versão 24. Foi utilizada estatística descritiva para obtenção tanto da média, desvio-padrão e valores mínimos e máximos para as variáveis contínuas (e.g.,

idade e número de filhos), como de frequências e percentagens no caso de variáveis categoriais (e.g., escolaridade e situação laboral). Recorreu-se à estatística inferencial, paramétrica, para realizar a comparação de grupos (teste  $t$  de *Student* para amostras independentes), utilizando-se ainda o coeficiente de correlação de Pearson para testar a relação linear entre variáveis contínuas e o coeficiente de Spearman para a relação entre uma variável contínua e uma variável ordinal.



## 4. Resultados

### 4.1 Análise das Diferenças entre os Grupos (Mulheres vs Homens) nas Memórias de Infância relativas às Práticas Educativas Parentais e na Vinculação do Adulto ao Pai e à Mãe

Nos dois subpontos pontos que se seguem expõem-se os resultados decorrentes da comparação do Grupo de Mulheres e do Grupo de Homens nas dimensões em estudo, figurando primeiros os relativos às memórias de infância e em seguida os respeitantes à vinculação ao pai e à mãe.

#### 4.1.1 Memórias de Infância relativas às Práticas Educativas Parentais

No Quadro 4 apresentam-se os resultados referentes à análise comparativa dos Grupos Mulheres / Homens nas várias dimensões das Memórias de Infância relativas às práticas educativas parentais.

#### Quadro 4

*Comparação do Grupo Mulheres e do Grupo Homens nas Memórias de Infância relativas às Práticas Educativas Parentais – Médias, Desvios-Padrão, Valores de t, e Valores de p*

		Mulheres		Homens		t	p
		M	DP	M	DP		
Suporte Emocional	Pai	19.30	5.15	19.32	5.22	-.02	.984
	Mãe	20.69	4.31	21.05	4.37	-.48	.629
Rejeição	Pai	9.74	2.45	9.93	2.57	-.45	.655
	Mãe	12.71	4.07	12.18	3.15	.84	.405
Sobreproteção	Pai	14.86	3.17	13.80	2.85	2.02	.045
	Mãe	16.00	3.40	14.65	2.94	2.44	.016

$n_{\text{Mulheres}} = 77$ ,  $n_{\text{Homens}} = 60$

As médias dos grupos são relativamente próximas, obtendo-se apenas diferenças estatisticamente significativas na Sobreproteção, tanto do Pai como da Mãe, sendo que o Grupo Mulheres apresenta médias mais elevadas em ambos os casos.

#### 4.1.2 Vinculação do Adulto ao Pai e à Mãe

No Quadro 5 figuram os resultados relativos à análise comparativa dos Grupos Mulheres / Homens nas várias dimensões da Vinculação do Adulto ao Pai e à Mãe.

#### Quadro 5

*Comparação do Grupo Mulheres e do Grupo Homens na Vinculação do Adulto ao Pai e à Mãe – Médias, Desvios-Padrão, Valores de t, e Valores de p*

		Mulheres		Homens		t	p
		M	DP	M	DP		
AS	Pai	34.55	9.30	29.95	9.17	2.89	.005
	Mãe	35.45	9.31	31.45	9.08	2.53	.013
IEI	Pai	27.09	9.39	25.15	10.46	1.14	.256
	Mãe	29.38	10.69	25.78	9.73	2.03	.044
QLE	Pai	50.90	9.68	49.12	10.51	1.03	.306
	Mãe	51.94	8.08	50.90	8.90	.72	.478

*Nota.* AS = Ansiedade de Separação, IEI = Inibição da Exploração e Individualidade, QLE = Qualidade do Laço Emocional

$n_{\text{Mulheres}} = 77$ ,  $n_{\text{Homens}} = 60$

Obtêm-se diferenças estatisticamente significativas na Ansiedade de Separação, para a relação quer com o pai quer com a mãe, apresentando o Grupo Mulheres médias mais altas. Observa-se também uma diferença significativa na dimensão Inibição da Exploração e Individualidade, mas apenas na relação com a mãe, sendo que o Grupo Mulheres apresenta, mais uma vez, uma média mais elevada.

#### 4.2 Análise das Correlações entre as Memórias de Infância relativas às Práticas Educativas Parentais e a Vinculação do Adulto ao Pai e à Mãe

##### 4.2.1 Grupo Mulheres

No Quadro 6 apresentam-se os resultados relativos à análise correlacional realizada entre as dimensões das Memórias de Infância relativas às Práticas Educativas Parentais e as da Vinculação do Adulto ao Pai e à Mãe no Grupo Mulheres.

## Quadro 6

*Correlações entre as Memórias de Infância relativas às Práticas Educativas Parentais e a Vinculação do Adulto ao Pai e à Mãe – Grupo Mulheres*

Vinculação do Adulto	Memórias de Infância					
	Suporte Emocional		Rejeição		Sobreproteção	
	Pai	Mãe	Pai	Mãe	Pai	Mãe
AS						
Pai	.38**	.27*	.18	.08	.08	-.01
Mãe	.15	.30**	.23*	.05	.08	.02
IEI						
Pai	-.34**	-.42***	.58***	.49***	.60***	.47***
Mãe	-.45***	-.50**	.46***	.72***	.43***	.66***
QLE						
Pai	.72***	.49***	-.13	-.26*	-.02	-.14
Mãe	.55***	.70***	-.15	-.49**	.00	-.20†

*Nota.* AS = Ansiedade de Separação, IEI = Inibição da Exploração e Individualidade, QLE = Qualidade do Laço Emocional

$n_{\text{Mulheres}} = 77$ .

\* $p < .05$ , \*\* $p < .01$ , \*\*\* $p < .001$ , † $p = .078$ .

Obtêm-se correlações significativas (moderadas a fortes) entre a Inibição da Exploração e Individualidade do Pai e da Mãe e as três dimensões das Memórias de Infância – Suporte Emocional, Rejeição e Sobreproteção - em relação a ambos os progenitores, com níveis de significância elevados no geral, sendo negativas as correlações com o Suporte Emocional e positivas as correlações com a Rejeição e a Sobreproteção. Observam-se também correlações significativas (positivas) entre as memórias de Suporte Emocional relativas ao Pai e à Mãe e as dimensões Ansiedade de Separação e Qualidade do Laço Emocional (ao Pai e à Mãe em ambos os casos), com exceção da correlação Suporte Emocional-Pai e Ansiedade de Separação-Mãe, que não é estatisticamente significativa. Para além destas, também as memórias de Rejeição materna apresentam correlações negativas, estatisticamente significativas, com a

Qualidade do Laço Emocional com o Pai e com a Mãe. Acresce que as memórias de Rejeição paterna apresentam uma correlação (positiva) significativa com a Ansiedade de Separação-Mãe. Por último, refira-se ainda que se obtém uma correlação marginalmente significativa (negativa) entre as memórias de Sobreproteção por parte da Mãe e a Qualidade do Laço Emocional com a Mãe.

#### 4.2.2 Grupo Homens

Do Quadro 7 constam os resultados relativos às correlações entre as dimensões das Memórias de Infância relativas às Práticas Educativas Parentais e as da Vinculação do Adulto ao Pai e à Mãe no Grupo Homens.

#### Quadro 7

*Correlações entre as Memórias de Infância relativas às Práticas Educativas Parentais e a Vinculação do Adulto ao Pai e à Mãe – Grupo Homens*

Vinculação do Adulto	Memórias de Infância					
	Suporte Emocional		Rejeição		Sobreproteção	
	Pai	Mãe	Pai	Mãe	Pai	Mãe
AS						
Pai	.37**	.27*	-.01	-.10	.17	.03
Mãe	.15	.24†	.04	-.02	.11	.13
IEI						
Pai	-.42**	-.34**	.73***	.70***	.44***	.46***
Mãe	-.52***	-.41**	.62***	.73***	.37**	.50***
QLE						
Pai	.74***	.59***	-.53***	-.63***	.06	-.12
Mãe	.60***	.67***	-.55***	-.63***	-.01	-.01

*Nota.* AS = Ansiedade de Separação, IEI = Inibição da Exploração e Individualidade, QLE = Qualidade do Laço Emocional

$n_{\text{Homens}} = 60$ .

\* $p < .05$ , \*\* $p < .01$ , \*\*\* $p < .001$ , † $p = .061$ .

Tal como já acontecera com o Grupo Mães, obtêm-se correlações estatisticamente significativas (moderadas a fortes) entre a Inibição da Exploração e Individualidade paterna e materna e as três dimensões das Memórias de Infância – Suporte Emocional, Rejeição e Sobreproteção - relativas ao Pai e à Mãe, sendo negativas as correlações com o Suporte Emocional e positivas as correlações com a Rejeição e a Sobreproteção. Observam-se igualmente correlações estatisticamente significativas (fortes) entre a Qualidade do Laço Emocional com a Mãe e com o Pai e as memórias de Suporte Emocional (correlações positivas) e Rejeição (correlações negativas), por parte da Mãe e do Pai em ambos os casos. Para além destas, obtêm-se ainda correlações significativas (positivas) entre a Ansiedade de Separação-Pai e as memórias de Suporte Emocional relativas à Mãe e ao Pai, alcançando-se igualmente uma correlação marginalmente significativa (positiva) entre as variáveis Ansiedade de Separação-Mãe e memórias de Suporte Emocional-Mãe.

#### **4.3 Análise das Memórias de Infância relativas às Práticas Educativas Parentais e da Vinculação do Adulto ao Pai e à Mãe com base na Escolaridade**

Apresentam-se a seguir os resultados decorrentes do estudo correlacional de cada uma das dimensões em estudo com a escolaridade dos participantes, tendo sido constituídos dois grupos – com 12 ou menos anos de escolaridade e com o ensino superior. Para cada dimensão expõem-se os resultados considerando primeiro o Grupo de Mulheres e em seguida o Grupo de Homens.

##### **4.3.1 Memórias de Infância relativas às Práticas Educativas Parentais**

###### **4.3.1.1 Grupo Mulheres**

No Quadro 8 descrevem-se os resultados referentes à análise das Memórias de Infância relativas às Práticas Educativas Parentais com base na Escolaridade. As médias entre os grupos são relativamente próximas, obtendo-se um resultado marginalmente significativo (mas muito próximo da significância estatística) no Suporte Emocional – Mãe, com as Mulheres com Escolaridade ao nível do Ensino Superior a apresentarem as médias mais elevadas. Para além deste, observa-se ainda um resultado marginalmente significativo na Rejeição – Pai, tendo desta vez as Mulheres com 12 ou menos anos de escolaridade uma média mais alta.

## Quadro 8

*Memórias de Infância relativas às Práticas Educativas Parentais com base na Escolaridade (Médias, Desvios-Padrão, Valores de t, e Valores de p) – Grupo Mulheres*

		$\leq 12$ Anos		Ensino Superior		t	p
		M	DP	M	DP		
Suporte Emocional	Pai	18.23	5.27	19.84	5.05	-1.31	.196
	Mãe	19.84	4.42	21.37	4.14	-1.99	.051
Rejeição	Pai	10.42	3.15	9.39	1.94	1.77	.080
	Mãe	12.88	3.76	12.63	4.25	.26	.795
Sobreproteção	Pai	15.38	3.07	14.59	3.22	1.04	.301
	Mãe	15.65	2.97	16.18	3.62	.20	.527

$n_{\leq 12 \text{ anos}} = 26$ ,  $n_{\text{Ensino Superior}} = 51$ .

### 4.3.1.2 Grupo Homens

No Quadro 9 descrevem-se os resultados referentes à análise das Memórias de Infância relativas às Práticas Educativas Parentais em função da Escolaridade no Grupo Homens.

## Quadro 9

*Memórias de Infância relativas às Práticas Educativas Parentais com base na Escolaridade (Médias, Desvios-Padrão, Valores de t, e Valores de p) – Grupo Homens*

		$\leq 12$ Anos		Ensino Superior		t	p
		M	DP	M	DP		
Suporte Emocional	Pai	18.61	5.73	19.69	4.97	-.77	.444
	Mãe	19.78	4.59	21.89	4.13	-1.83	.073
Rejeição	Pai	10.13	2.87	9.69	2.33	.64	.524
	Mãe	12.78	3.74	11.67	2.60	1.35	.181
Sobreproteção	Pai	13.78	3.13	13.61	2.45	.24	.815
	Mãe	14.39	2.50	14.75	3.23	-.45	.652

$n_{\leq 12 \text{ anos}} = 23$ ,  $n_{\text{Ensino Superior}} = 36$ .

Obtém-se apenas uma diferença marginalmente significativa no Suporte Emocional - Mãe, tendo uma média mais baixa os Homens com uma escolaridade também mais baixa.

### 4.3.2 Vinculação do Adulto ao Pai e à Mãe

#### 4.3.2.1 Grupo Mulheres

No Quadro 10 descrevem-se os resultados referentes à análise comparativa das Mulheres com 12 ou menos anos de escolaridade e com o Ensino Superior nas várias dimensões da Vinculação do Adulto ao Pai e à Mãe, não se observando diferenças estatisticamente significativas.

#### Quadro 10

*Vinculação do Adulto ao Pai e à Mãe com base na Escolaridade (Médias, Desvios-Padrão, Valores de t, e Valores de p) – Grupo Mulheres*

		≤12 Anos		Ensino Superior		t	p
		M	DP	M	DP		
AS	Pai	36.50	8.21	33.55	9.73	1.32	.190
	Mãe	37.08	8.04	34.63	9.87	1.09	.278
IEI	Pai	29.50	8.49	25.86	9.67	1.62	.109
	Mãe	30.23	8.91	28.94	11.55	.50	.620
QLE	Pai	49.62	8.48	51.55	10.26	-.83	.411
	Mãe	50.81	7.09	52.51	8.55	-.87	.386

*Nota.* AS = Ansiedade de Separação, IEI = Inibição da Exploração e Individualidade, QLE = Qualidade do Laço Emocional.

$n_{\leq 12 \text{ anos}} = 26$ ,  $n_{\text{Ensino Superior}} = 51$ .

#### 4.3.2.2 Grupo Homens

No Quadro 11 apresentam-se os resultados relativos à análise da Vinculação do Adulto ao Pai e à Mãe com base na Escolaridade dos Homens.

## Quadro 11

*Vinculação do Adulto ao Pai e à Mãe com base na Escolaridade (Médias, Desvios-Padrão, Valores de t, e Valores de p) – Grupo Homens*

		$\leq 12$ Anos		Ensino Superior		t	p
		M	DP	M	DP		
AS	Pai	33.13	9.97	27.83	8.24	2.22	.031
	Mãe	34.57	8.66	29.36	8.98	2.20	.032
IEI	Pai	27.26	10.02	23.67	10.74	1.29	.204
	Mãe	29.57	9.98	23.25	8.97	2.52	.014
QLE	Pai	47.04	13.92	50.44	7.73	-1.21	.233
	Mãe	49.00	11.32	52.25	6.88	-1.37	.175

*Nota.* AS = Ansiedade de Separação, IEI = Inibição da Exploração e Individualidade, QLE = Qualidade do Laço Emocional.

$n_{\leq 12 \text{ anos}} = 23$ ,  $n_{\text{Ensino Superior}} = 36$ .

Obtêm-se diferenças estatisticamente significativas na Ansiedade de Separação, na relação quer com o Pai quer com a Mãe, tendo os Homens com 12 ou menos anos de escolaridade médias mais elevadas. Observa-se também uma diferença estatisticamente significativa na Inibição da Exploração e Individualidade - Mãe, alcançando de novo uma média mais alta os Homens com uma escolaridade mais baixa.



## **5. Discussão**

O presente estudo foca as memórias de infância relativas às práticas educativas parentais e a vinculação do adulto ao pai e à mãe, em homens e em mulheres. Seguidamente, irão ser discutidos os resultados correspondentes a cada objetivo definido.

### **5.1 Memórias de Infância relativas às Práticas Educativas Parentais**

O primeiro objetivo do estudo remete para a análise comparativa, num grupo de mulheres e num grupo de homens, das memórias de infância relativas às práticas educativas parentais da mãe e do pai.

Verificou-se que as mulheres, em comparação com os homens, recordam mais sobreproteção paterna e materna. Este resultado não é concordante com o apontado por Perris e Andersson (2000), cujo estudo, com amostras não clínicas, remete para uma recordação de maior sobreproteção paterna e materna, mas por parte dos homens. O resultado obtido poderá ser explicado, pelo menos em parte, por fatores culturais já que, na cultura portuguesa, tradicionalmente as mulheres eram, e em muitos casos ainda continuam a ser, mais protegidas ao longo do desenvolvimento, exercendo-se sobre elas um maior controlo e restrição da autonomia, especialmente no período da adolescência. Ainda que num âmbito diferente, refira-se o estudo português, de Araújo (2003), com um grupo clínico (perturbação depressiva) e um de controlo, em que as mulheres com perturbação depressiva, comparativamente com os homens, reportaram níveis mais elevados de sobreproteção materna, denotando, neste caso, o efeito potencialmente perturbante deste tipo de práticas para as mulheres. O conjunto dos resultados dos dois estudos portugueses (de Araújo e o presente) poderá indiciar que, por questões culturais, as mulheres sejam, de facto, alvo de uma maior sobreproteção e que tal possa constituir, em certos casos, um fator de vulnerabilidade em termos do funcionamento psicológico em adulto, o que, aliás, é reforçado por resultados de outros autores que associam as práticas de sobreproteção com características como pessimismo (Heinonen et al., 2004), défice afetivo, falta de empatia e de laços emocionais com o outro (Craig et al., 2013), tendo também estilos de vida menos saudáveis as mulheres com uma perceção de maior sobreproteção paterna e materna (Toda et al., 2008). Tal é ainda mais relevante dada a transmissão intergeracional de atitudes e comportamentos parentais (van IJzendoorn, 1992), pelo que poderá haver uma influência não só no funcionamento psíquico do adulto,

mas também no seu comportamento parental, designadamente através da persistência de certas práticas educativas que serão adotadas na relação com os filhos (e.g., McFarland-Piazza et al., 2012), designadamente a sobreproteção materna e paterna, mais ainda porque foi mostrado que existe uma continuidade, de geração em geração, neste tipo de práticas (Lopes, 2012).

Não foram encontradas diferenças significativas entre mulheres e homens no que diz respeito às memórias de infância de práticas educativas de suporte emocional e rejeição, o que é distinto do esperado, já que na literatura se identifica este tipo de diferença ainda que os resultados sejam dissonantes. Com efeito, o suporte emocional materno ora é apontado como mais frequentemente recordado pelas mulheres, face aos homens (Heinonen et al., 2004), em amostras não clínicas, ora se indica que as mulheres recordam um menor suporte emocional materno e os homens um menor suporte emocional paterno (Araújo, 2003), em amostras clínicas. É possível que características distintas das amostras (e.g., sociodemográficas, história de vinculação, clínicas *versus* não clínicas) contribuam para a diversidade de resultados. Uma palavra ainda para a rejeição, relativamente à qual se indica que as mulheres com perturbação depressiva reportam níveis mais elevados de rejeição (Araújo, 2003), o que vai no mesmo sentido do estudo de Perris e Andersson (2000) com amostras não clínicas. Contudo, é possível que os resultados fossem diferentes se o foco do estudo incidisse, de facto, em amostras clínicas, uma vez que se tem verificado que os indivíduos com perturbação recordam mais práticas de rejeição do que os indivíduos sem perturbação (Akün, 2017), para além de também haver variações no que é recordado em função do tipo de patologia (Akün, 2017).

Considerando as hipóteses colocadas para o primeiro objetivo, confirma-se a hipótese que estimava que as mulheres reportariam uma recordação de mais sobreproteção paterna e materna (H1a), não se confirmando as hipóteses que previam que as mulheres recordariam ainda mais suporte emocional, pelo menos por parte da mãe (H1b) e mais rejeição por parte do pai e/ou da mãe (H1c).

## **5.2 Vinculação do Adulto ao Pai e à Mãe**

A análise comparativa de um grupo de mulheres e de um grupo de homens na vinculação do adulto ao pai e à mãe, prevista no segundo objetivo, mostrou diferenças em algumas das variáveis em função do sexo.

Face à ansiedade de separação, as mulheres relataram um nível mais elevado desta dimensão na relação quer com o pai quer com a mãe, resultado que vai na linha do demonstrado em estudos realizados com adolescentes e jovens adultos que utilizam o QVPM (e.g., Cordeiro, 2012; Matos et al., 1999; Moura & Matos, 2008; Oliveira, 2005; Ramalho, 2008). Os resultados encontrados podem ser explicados com base uma perspetiva ecológica, considerando-se, na linha do que se referiu antes, influências culturais presentes na sociedade portuguesa, na qual tem sido dominante uma tendência para a maior proteção das raparigas (Ramalho, 2008), com promoção de uma maior dependência face às figuras parentais (Moura, 2008), o que poderá contribuir para a perceção de aumento da ansiedade de separação na adolescência, referida pelas mulheres, e que é distinto do que tem acontecido com os rapazes, relativamente aos quais é explicitamente fomentada uma maior liberdade/independência ao longo do desenvolvimento. Também em concordância com o resultado obtido, no estudo de Duarte (2005), com população adulta, as mulheres identificaram uma maior ansiedade de separação face à mãe, não obtendo a autora, no entanto, diferenças significativas entre homens e mulheres na ansiedade de separação na relação com o pai. Pode argumentar-se que o maior investimento das mulheres na relação com a figura parental feminina (Matos et al., 1999) poderia explicar esta diferença. No entanto, no âmbito do presente estudo este argumento seria insuficiente dado que o resultado significativo foi extensível, como se referiu, à relação com o pai, o que poderá ter subjacente o aumento do envolvimento do pai com os filhos, que tem vindo a acontecer na sociedade atual, e o seu papel mais ativo nos cuidados e educação destes, e que os aproximaria do papel mais tradicional das mães (pelo menos no caso dos participantes mais novos).

Relativamente à inibição da exploração e individualidade, as mulheres, comparativamente com os homens, referiram-na como significativamente mais presente na relação com a mãe. Este resultado enquadra-se no estudo de Abrantes e Matos (2010), com adultos, onde foi encontrada esta mesma diferença, e contradiz resultados de outros estudos, os quais sugerem que os homens apresentam valores mais elevados na inibição da exploração e da individualidade, na relação tanto com o pai como com a mãe (Cordeiro, 2012) ou apenas na relação com o pai (e.g., Duarte, 2005; Ramalho, 2008), contradizendo também o estudo de Matos et al. (1999), com adolescentes, onde as mulheres referem uma maior inibição da exploração e individualidade, mas na relação com o pai. O resultado obtido indicia que, na relação com a mãe, as mulheres (ou pelo

menos uma parte das participantes) percebem a figura parental como não tendo sido suficientemente apoiante e sensível às suas necessidades, o que interferiu negativamente com a expressão da sua individualidade. É possível que tal traduza uma relação muitas vezes difícil entre filhas e mães na adolescência, com desejo de liberdade e afirmação das primeiras e colocação de restrições e controlo por parte das segundas, o que se pode enquadrar também no recrudescimento do Édipo, típico do período da adolescência, e no desenvolvimento da identidade.

No que respeita à qualidade do laço emocional, não foram encontradas diferenças significativas entre mulheres e homens, resultado que não era esperado, tendo em conta a literatura que refere este tipo de diferenças. Com efeito, no estudo de Duarte (2005) os homens reportaram uma menor qualidade do laço emocional, em particular na relação com o pai, indicando outros estudos níveis mais elevados desta dimensão nas mulheres (e.g., Cordeiro, 2012; Matos et al., 1999; Oliveira, 2005), tanto na relação com a mãe como com ambas as figuras parentais. A disparidade de resultados face à literatura poderá dever-se, mais uma vez, a características distintas das amostras, designadamente sociodemográficas ou outras (por exemplo, de tipo relacional). Os resultados obtidos são passíveis de traduzir, de novo, as mudanças que têm vindo a verificar-se na forma como os pais se relacionam com os seus filhos, captando-se que tanto os homens como as mulheres percebem a relação com pais e com mães, na adolescência, como afetivamente próxima, duradoura, recorrendo a eles em situações de dificuldade.

Considerando as hipóteses colocadas para o objetivo 2, refira-se que não se confirma a hipótese que estimava que os homens reportariam uma menor qualidade do laço emocional, pelo menos com o pai (H2a), mas confirmam-se as hipóteses que previam que as mulheres revelariam uma maior ansiedade de separação com a mãe (H2b), e que teriam níveis mais elevados de inibição da exploração e individualidade na relação também com a mãe (H2c).

### **5.3 Relação das Memórias de Infância relativas às Práticas Educativas Parentais com a Vinculação do Adulto ao Pai e à Mãe**

No âmbito da relação entre as dimensões em estudo, incluída no terceiro objetivo, verificou-se que, no geral, ocorreram associações de todas as dimensões das memórias de infância com dimensões da vinculação do adulto, com exceção do par sobreproteção (ao

pai e à mãe) e ansiedade de separação, em ambos os grupos, e sobreproteção e qualidade do laço emocional nos homens, sendo que também não foi significativa, no caso destes, a relação da ansiedade de separação com a rejeição (pai/mãe). Como se referiu na introdução, não se acedeu a estudos que relacionem as memórias de infância relativas a práticas educativas parentais com a vinculação do adulto ao pai e à mãe, pelo que se irá enquadrar os resultados na literatura que aborda a vinculação do adulto em geral.

Nos dois grupos, a inibição da exploração e individualidade associou-se não só com todas as dimensões das memórias de infância, mas também, em cada uma delas, com a perceção relativa ao pai e à mãe, sendo o único caso em que tal aconteceu desta forma extensiva. Especificamente, os resultados mostraram que níveis mais elevados de inibição da exploração e individualidade são reportados por mulheres e por homens que referem menos práticas de suporte emocional na infância, por parte de ambos os progenitores, e mais práticas de rejeição e sobreproteção, também por parte das duas figuras parentais. Tendo em conta que a vinculação insegura se tem associado com níveis mais baixos de suporte emocional (Tereno et al., 2008), e mais altos de sobreproteção (Craig et al., 2013; Heinonen et al., 2004; Perris & Andersson, 2000) e de rejeição (Brown & Whiteside, 2008; Hinnen et al., 2009; Perris & Andersson, 2000; Rodrigues et al., 2004), e considerando ainda que a maior inibição da exploração e individualidade está presente na vinculação insegura (e.g., Gouveia & Matos, 2011; Mota, 2008; Silva & Costa, 2005), então os resultados obtidos enquadram-se de forma compreensível na literatura e alertam para a relevância das associações encontradas, ainda não relatadas na literatura empírica, sugerindo o impacto das práticas parentais negativas na inibição da exploração e individualidade.

Tanto nas mulheres como nos homens, quanto mais práticas de suporte emocional por parte do pai e da mãe na infância/adolescência, melhor é a qualidade do laço emocional na relação com cada uma das figuras parentais, qualidade esta que, na literatura, está geralmente associada com uma vinculação segura (Gouveia & Matos, 2011; Mota, 2008; Silva & Costa, 2005). Os resultados vão na linha dos obtidos em estudos que, embora não tenham abordado estas dimensões, apontam para uma associação entre características da vinculação segura e a recordação de mais suporte emocional (e.g., Brown & Whiteside, 2008; Craig et al., 2013; Heinonen et al., 2004; Hinnen et al., 2009; Perris & Andersson, 2000; Rodrigues et al., 2004). Acresce que, nos homens, para além da associação referida, houve também uma associação da qualidade

do laço emocional ao pai e à mãe com a recordação de menos práticas de rejeição paterna e materna, o que nas mulheres só aconteceu face à rejeição materna. Em estudos anteriores, as memórias de práticas de rejeição encontram-se em menor grau nas pessoas com vinculação segura (e.g., Hinnen et al., 2009; Rodrigues et al., 2004), de forma indiferenciada nas relações paterna e materna (Rodrigues et al., 2004), apesar de no estudo de Perris e Andersson (2000) este resultado ter sido encontrado com maior incidência nas mulheres. Dos resultados do presente estudo, decorre, pois, que a rejeição materna será relevante para a qualidade do laço emocional de homens e mulheres, parecendo que a rejeição paterna poderá ser mais nefasta para este laço no caso dos homens.

Refira-se ainda que, no caso das mulheres, há uma tendência para a melhor qualidade do laço emocional na relação com a mãe se associar com o ter havido um menor recurso a práticas de sobreproteção por parte da mãe na infância/adolescência, o que aponta para a possibilidade de níveis elevados de sobreproteção poder ser negativa para a relação mãe-filha. Este resultado enquadra-se em parte nos de estudos anteriores com mulheres (e.g., Rodrigues et al., 2004; Tereno et al., 2008) que associaram a vinculação insegura com maior sobreproteção tanto por parte da mãe como do pai. Em estudos que integram homens e mulheres numa mesma amostra, são encontrados resultados ora concordantes (Heinonen et al., 2004), ora discordantes (Hinnen et al., 2009) da associação da sobreproteção com a vinculação do adulto, enquadrando-se o presente resultado, e os que associaram a sobreproteção com inibição da exploração e individualidade, na linha dos estudos que dão suporte à associação de práticas de sobreproteção parental com a vinculação mais negativa do adulto (e.g., Araújo, 2003; Heinonen et al., 2004; Toda et al., 2008).

Como se referiu, não foram encontradas relações significativas entre a ansiedade de separação e as memórias de sobreproteção e de rejeição parental nos homens. Esta ausência de relação é sustentada por resultados anteriores de Hinnen et al. (2009), pelo menos no que toca à sobreproteção, a qual não mostrou associar-se com a vinculação do adulto no geral. De referir que, nas mulheres, ocorreu apenas uma associação da rejeição por parte do pai na infância/adolescência com a ansiedade de separação na relação com a mãe. O resultado, sugere que este tipo de associação é mais relevante para elas, o que vai parcialmente na linha do estudo de Perris e Andersson (2000), tendo em conta que as associações mais fortes entre a rejeição e medidas de vinculação insegura dizem respeito

à rejeição materna e especialmente nas mulheres. Adicionalmente, ele denota uma potencial influência cruzada, designadamente das memórias de rejeição de um dos progenitores (pai), na vinculação do adulto ao outro progenitor (mãe), em particular no maior receio de afastamento. Fox, Kimmerly, e Schafer (1991) já haviam referido que o tipo de vinculação a um progenitor estava associado ao tipo de vinculação ao outro. Fazendo um paralelo com a perspetiva clássica, é inevitável a menção ao Complexo de Édipo de Freud (1910/1996), por estar em causa uma relação triádica, o qual, numa fase precoce do desenvolvimento, ilustra o movimento da criança face ao progenitor do sexo oposto, numa configuração relacional triádica conflitual.

Nas mulheres e nos homens a maior ansiedade de separação na relação com a mãe associou-se com mais memórias de suporte emocional por parte da mãe na infância/adolescência (ainda que o resultado para os homens seja apenas tendencial), o que vai ao encontro do estudo de Rodrigues et al. (2004), no qual indivíduos com vinculação segura reportaram memórias de mais suporte emocional por parte da mãe. Verificou-se ainda que a maior ansiedade de separação na relação com o pai se associou com a recordação de mais práticas de suporte emocional paterno e materno. De facto, na base da teoria de vinculação de Bowlby (1971) está a premissa de que quanto mais próxima é a relação com o cuidador, mais ansiedade causa o seu distanciamento.

Nesta sequência, confirma-se a hipótese que previa encontrar uma associação entre pelo menos algumas das dimensões das memórias de infância e algumas das dimensões da vinculação do adulto ao pai e à mãe (H3).

#### **5.4 Memórias de Infância relativas às Práticas Educativas Parentais e Vinculação do Adulto ao Pai e à Mãe com base na Escolaridade**

O quarto e último objetivo do estudo centrou-se na potencial variação das memórias de infância relativas às práticas educativas parentais e da vinculação do adulto ao pai e à mãe em função da escolaridade.

Face às memórias de infância, salientou-se, tanto no grupo de mulheres como no grupo de homens, uma tendência para a recordação de mais práticas de suporte emocional por parte da mãe nos participantes com o ensino superior face aos que têm 12 ou menos anos de escolaridade. Apesar da escassez de estudos que analisam a relação com esta variável sociodemográfica, o resultado é em parte concordante com o relatado no estudo

de Asselmann et al. (2014), não obstante este incluir adolescentes, onde se constatou que os participantes que reportaram mais recordações de suporte emocional paterno tinham também uma escolaridade mais elevada (ainda que no caso esta fosse ao nível do ensino secundário). No presente estudo verificou-se igualmente uma tendência para as mulheres com menos anos de escolaridade (12 ou menos anos), mas não os homens, recordarem uma maior rejeição por parte do pai. Não foram encontradas referências na literatura a este nível. Parece que o percurso escolar poderá estar relacionado com diferenças no comportamento parental que o pai e a mãe poderão ter assumido na infância/adolescência, com a escolaridade mais elevada associada a memórias de apoio, conforto e maior aprovação enquanto pessoa, por parte da mãe, e possivelmente com um maior sentido de competência, e até exigência, necessários ao sucesso escolar. A relação entre uma menor escolaridade e a perceção de mais práticas de rejeição paterna deverá ser tida em conta no contexto educativo para que se comece a desenvolver planos de intervenção adequados que minimizem as consequências destas práticas desde cedo, reduzindo, assim, o seu impacto futuro.

Relativamente à vinculação do adulto ao pai e à mãe, apenas se encontraram resultados significativos para os homens, salientando-se que aqueles que concluíram 12 ou menos anos de escolaridade, comparativamente com os que concluíram o ensino superior, apresentam níveis mais elevados de inibição da exploração e individualidade na relação com a mãe e de ansiedade de separação na relação com a mãe e com o pai. Neste último caso o resultado contradiz o apontado anteriormente por Ramalho (2008), que, sem haver especificação do sexo, apontou para uma menor ansiedade de separação na relação com o pai em jovens com um menor grau de escolaridade (até ao 12.º ano).

Os resultados obtidos face ao nível de escolaridade sugerem a pertinência de se aprofundar a sua relevância em estudos futuros.

Considerando as hipóteses colocadas para o objetivo 4, confirmaram-se as que previam variações em pelo menos uma das dimensões relativas às memórias de infância (H4a) e à vinculação ao pai e à mãe (H4b) em função da escolaridade.



## 6. Conclusão

As memórias de infância relativas às práticas educativas parentais têm vindo a constituir-se como um foco crescente de investigação empírica. A vinculação, por sua vez, configura um tema abrangente que tem sido alvo de investigação diversificada. Apesar disso, há ainda lacunas no conhecimento associado a estas dimensões, pretendendo o presente estudo contribuir para minorar algumas delas. Assim, considera-se que ele dá um contributo para aprofundar o estudo da vinculação ao pai e à mãe no adulto, bem como para a compreensão da relação entre esta dimensão e as memórias de infância relativas às práticas educativas parentais, o que, aparentemente, não tem sido valorizado na literatura empírica, constituindo, por isso, um contributo inovador deste estudo. Acresce que, ao ser realizado com adultos portugueses, todos eles pais de crianças em idade escolar, o estudo facultava também informação potencialmente útil para o conhecimento da família na sociedade atual.

Os resultados deste estudo sugerem que as mulheres, comparativamente com os homens, parecem apresentar uma maior saliência tanto das memórias de infância relativas às práticas parentais, nomeadamente ao nível da sobreproteção (materna e paterna), como da maior presença de certas dimensões da vinculação do adulto ao pai e à mãe, mais concretamente no domínio da ansiedade de separação (na relação com ambos os progenitores) e da inibição da exploração e individualidade (na relação com a mãe).

A relação entre as dimensões em estudo – memórias de infância relativas às práticas educativas parentais e a vinculação do adulto ao pai e à mãe – conduziu a resultados interessantes, permitindo compreender as características desta relação e identificar que, não obstante algumas especificidades, elas tendem a ser perspetivadas de forma semelhante em homens e em mulheres. Todas as dimensões apresentaram associações entre si, com exceção da ansiedade de separação com as memórias de sobreproteção (em mulheres e homens) e da rejeição (em homens), que não se relacionaram. Como se referiu, foram encontradas algumas diferenças em função de se ser homem ou mulher (por exemplo, apenas no caso das mulheres ocorre uma associação negativa, tendencial, da qualidade do laço emocional na relação com a mãe com as práticas de sobreproteção materna), bem como em função da figura parental (por exemplo, para os homens obteve-se uma associação negativa da qualidade do laço emocional com a rejeição materna e paterna, acontecendo tal apenas com a rejeição materna no caso das mulheres), sugerindo a pertinência de se considerar de forma

independente as percepções quer dos homens e das mulheres, quer das práticas educativas da mãe e do pai, mesmo na população adulta.

Por último, incidiu-se no potencial impacto da escolaridade nas dimensões em estudo, o que foi pouco explorado na literatura acedida, salientando-se uma tendência para os homens e as mulheres com mais escolaridade (ensino superior *versus* 12 ou menos anos) reportarem mais suporte emocional por parte da mãe, tendendo ainda as mulheres com uma escolaridade ao nível do secundário ou inferior a referir mais práticas de rejeição por parte do pai. Acresce que os homens (mas não as mulheres) com este nível de escolaridade referiram níveis mais elevados de ansiedade de separação (na relação com o pai e com a mãe) e de inibição da exploração e individualidade (por parte da mãe), comparativamente com os que completaram o ensino superior. Estes resultados sublinham a pertinência da escolaridade para as dimensões estudadas, indicando que o seu impacto pode ser diverso para mulheres e homens, e restrito a algumas das subdimensões. A homogeneidade dos grupos do presente estudo, em termos de variáveis sociodemográficas, não permitiu explorar a relação com outro tipo de variáveis desta natureza (como o estado civil), mas tal deverá ser atendido em estudos futuros.

Não obstante os contributos deste estudo, antes realçados, ele tem também algumas limitações. Uma delas prende-se com a assimetria no número de homens e mulheres, e com a dimensão reduzida e assimétrica dos grupos constituídos com base na escolaridade. Uma outra limitação remete para o facto de a avaliação das percepções dos participantes se ter baseado apenas no autorrelato, o que pode ter contribuído para o enviesamento dos resultados obtidos. Acresce que ambas as dimensões são avaliadas de um ponto de vista retrospectivo, o que poderá implicar uma menor precisão dos resultados obtidos, sabendo-se, por exemplo, que as representações internas das experiências de vinculação passadas podem ser influenciadas pelas experiências posteriores (e.g., Heinonen et al., 2004; van IJzendoorn, 1992). No entanto, é também conhecido que aquilo que molda as relações futuras não são as práticas educativas em si, mas antes a percepção que os indivíduos têm das mesmas (Parker, 1989, citado por Heinonen et al., 2004), incluindo as possíveis distorções destas.

Refletindo sobre os resultados obtidos, eles permitem retirar implicações para a prática, reforçando a necessidade de se atender às memórias de infância relativas às práticas educativas e à vinculação ao pai e à mãe no contexto clínico, não só em termos do impacto de cada uma delas, mas também da sua relação, e considerar que a

escolaridade poderá ter alguma relevância para a percepção associada ao seu impacto. Acresce que os resultados reforçam também a necessidade de se ter em conta que a experiência associada com estas dimensões pode ser diferencial em função do sexo (do indivíduo e da figura parental). Numa outra linha, os resultados permitem uma reflexão mais alargada, nomeadamente face à importância que a relação terapêutica poderá ter enquanto experiência emocional corretiva (Alexander & French, 1946), revisitando e reconstruindo as experiências emocionais passadas, nomeadamente na relação com as figuras parentais. A reestruturação dos modelos dinâmicos internos poderá contribuir para uma mudança na percepção da vinculação à mãe e ao pai, e melhorar o funcionamento individual e relacional. Os resultados deste estudo são suscetíveis de ter um contributo especial para uma prática clínica na linha psicodinâmica, uma vez que a psicoterapia orientada para o *insight* enfatiza a recordação de experiências passadas (Brenner, 1973, citado por Lane, Ryan, Nadel, & Greenberg, 2015), especialmente no modo como as experiências precoces com figuras de vinculação afetam a vivência presente do indivíduo (ver Shedler, 2010). Assim, espera-se que este estudo dê também um contributo válido para uma melhor compreensão sobre a associação entre as experiências passadas e as configurações relacionais atuais, nomeadamente em relação aos objetos primários.

Não obstante se ter feito anteriormente referência a aspetos a considerar em estudos futuros, é de referir que novos estudos devem ser desenvolvidos para aprofundar, em adultos, a relação entre as memórias relativas às práticas educativas parentais e a vinculação ao pai e à mãe, considerando também a possibilidade de contemplar amostras clínicas e a sua comparação com grupos de controlo. Acresce que seria interessante o desenvolvimento de estudos longitudinais que permitissem captar a estabilidade das memórias de práticas educativas e da vinculação ao pai e à mãe ao longo do tempo, incluindo em situações de vida normativas, como o nascimento de um filho, avaliando-se as dimensões em causa em diferentes momentos temporais (contemplando também o período pré-natal), sendo igualmente pertinente testar o impacto das duas dimensões na relação pais-criança e na vinculação desta. Adicionalmente, o estudo destas dimensões poderia ser estendido a situações não normativas, designadamente traumáticas, decorrentes da infância (e.g., maltrato físico e psicológico) ou emergentes na atualidade (e.g., morte de uma figura parental).

## 7. Referências

- Abrantes, D., & Matos, P. M. (2010). Pais de adolescentes: Relação entre o sentido de generatividade, a satisfação parental e a vinculação aos pais. *Psicologia, Educação e Cultura, 14*, 145-164.
- Ainsworth, M. D., Blehar, M. C., Waters, E., & Wall, S. (1978). *Patterns of attachment: A psychological study of the strange situation*. New Jersey: Laurence Erlbaum Associates.
- Akün, E. (2017). Relations among adults' remembrances of parental acceptance-rejection in childhood, self-reported psychological adjustment, and adult psychopathology. *Comprehensive Psychiatry, 77*, 27-37. doi: 10.1016/j.comppsy.2017.05.002
- Alexander, F., & French, T. M. (1946). *Psychoanalytic therapy: Principles and application*. Oxford: Ronald Press.
- Anastácio, S., & Nobre-Leitão, L. (2015). A relação entre a vinculação ao pai e à mãe e a empatia no início da adolescência. *Revista de Psicologia da Criança e do Adolescente, 6*, 109-123.
- Araújo, A. F. (2003). Percepção dos estilos educativos parentais e ajustamento psicológico do adulto – Comparação entre indivíduos com e sem perturbações depressivas. *Paidéia, 12*, 215-227.
- Arrindell, W. A., & van der Ende, J. (1984). Replicability and invariance of dimensions of parental rearing behaviour: Further Dutch experiences with the EMBU. *Personality and Individual Differences, 5*, 671-682. doi: 10.1016/0191-8869(84)90115-6
- Asselmann, E., Knappe, S., Wittchen, H., Lieb, R., & Beesdo-Baum, K. (2014). Stability of recalled parental rearing behavior in a community sample of adolescents and young adults. *Journal of Research on Adolescence, 25*, 614-621. doi: 10.1111/jora.12158
- Assunção, R., & Matos, P. M. (2017). Adolescents' profiles of problematic Facebook use and associations with developmental variables. *Computers in Human Behavior, 75*, 396-403. doi: 10.1016/j.chb.2017.05.034

- Ávila, M., Cabral, J., & Matos, P. M. (2012). Identity in university students: The role of parental and romantic attachment. *Journal of Adolescence*, 35, 133-142. doi: 10.1016/j.adolescence.2011.05.002
- Barbosa, R. (2008). *Contextos relacionais de desenvolvimento e vivência corporal*. (Tese de Doutorado não publicada). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Porto.
- Bartholomew, K. (1990). Avoidance of intimacy: An attachment perspective. *Journal of Social and Personal Relationships*, 7, 147-178.
- Bartholomew, K., & Horowitz, L. M. (1991). Attachment styles among young adults: A test of a four-category model. *Journal of Personality and Social Psychology*, 61, 226-244. doi: 0022-3514/91/S3.00
- Beebe, B., Knoblauch, S., Rustin, J., & Sorter, D. (2003). An expanded view of intersubjectivity in infancy and its application to psychoanalysis. *Psychoanalytic Dialogues*, 13(6), 837-873.
- Bowlby, J. (1971). The child's tie to his mother. In J. Bowlby (Ed.), *Attachment and loss* (vol. 1, pp. 221-257). London: The Hogarth Press.
- Bowlby, J. (1980). An information processing approach to defense. In J. Bowlby (Ed.), *Attachment and loss* (vol. 3, pp. 44-74). London: The Hogarth Press.
- Bretherton, I. (1992). The origins of attachment theory: John Bowlby and Mary Ainsworth. *Developmental Psychology*, 28(5), 759-775.
- Brown, A. M., & Whiteside, S. P. (2008). Relations among perceived parental rearing behaviors, attachment style, and worry in anxious children. *Anxiety Disorders*, 22, 263-272. doi: 10.1016/j.janxdis.2007.02.002
- Campos, R. C., Besser, A., & Blatt, S. J. (2013). Recollections of parental rejection, self-criticism and depression in suicidality. *Archives of Suicide Research*, 17, 58-74. doi: 10.1080/13811118.2013.748416
- Canavarro, M. C. (1996). A avaliação das práticas educativas através do EMBU: Estudos psicométricos. *Psychologica*, 16, 5-18.

- Canavarro, M. C. S. (1999). *Relações afectivas e saúde mental: Uma abordagem ao longo do ciclo de vida*. Coimbra: Quarteto.
- Cordeiro, R. (2012). *Vinculação e temperamento afetivo em jovens adultos* (Tese de Doutoramento não publicada). Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, Lisboa.
- Craig, R. L., Gray, N. S., & Snowden, R. J. (2013). Recalled parental bonding, current attachment, and the triarchic conceptualisation of psychopathy. *Personality and Individual Differences*, 55, 345-30. doi: 10.1016/j.paid.2013.03.012
- Darling, N., & Steinberg, L. (1993). Parenting style as context: An integrative model. *Psychological Bulletin*, 113, 487-496
- Duarte, C. M. (2005). *Percepções de conflito e violência conjugal* (Tese de Doutoramento não publicada). Instituto de Consulta Psicológica, Formação e Desenvolvimento, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Porto.
- Feeney, J. A. (2008). Adult romantic attachment: Developments in the study of couple relationships. In J. Cassidy, & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (pp. 456-481). New York: The Guilford Press.
- Fernandes, C., Veríssimo, M., Monteiro, L., Antunes, M., Vaughn, B. E., & Santos, A. J. (2018). Mothers, fathers, sons, and daughters: Are there sex differences in the organization of secure base behavior during early childhood. *Infant Behavior and Development*, 50, 213-223. doi: 10.1016/j.infbeh.2018.01.006
- Fonagy, P. (2001). *Attachment theory and psychoanalysis*. New York: The Other Press.
- Fox, N. A., Kimmerly, N. L., & Schafer, W. D. (1991). Attachment to mother/attachment to father: A meta-analysis. *Child Development*, 62, 210-225.
- Fraley, R. C., & Roisman, G. I. (2018). The development of adult attachment styles: Four lessons. *Current Opinion in Psychology*, 25, 26-30. doi: 10.1016/j.copsy.2018.02.008
- Freud, S. (1996). Um tipo especial da escolha de objeto feita pelos homens (contribuições à psicologia do amor I). In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras*

*psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 11, pp. 167-180). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1910)

Gouveia, T., & Matos, P. M. (2011). Manual QVPM: Questionário de vinculação ao pai e à mãe. Porto: Centro de Psicologia da Universidade do Porto. Retirado de <https://sites.google.com/site/manualqvpm/>.

Greenberg, M. T., Siegel, J. M., & Leitch, C. J. (1983). The nature and importance of attachment relationships to parents and peers during adolescence. *Journal of Youth and Adolescence*, 12(5), 373-386. doi: 0047-2891/83/1000-0373 03.00/0

Guarnieri, S., Smorti, M., & Tani, F. (2015). Attachment relationships and life satisfaction during emerging adulthood. *Social Indicators Research*, 121, 833-847. doi: 10.1007/s11205-014-0655-1

Gudjonsson, G. H., Sigurdsson, J. F., Finnbogadottir, H., & Smari, U. J. (2006). The relationship between false confessions and perceptions of parental rearing practices. *Scandinavian Journal of Psychology*, 47, 361-368. doi: 10.1111/j.1467-9450.2006.00539.x

Hazan, C., & Shaver, P. R. (1994). Attachment as an organizational framework for research on close relationships. *Psychological Inquiry*, 5, 1-22.

Heinonen, K., Räikkönen, K., Keltikangas-Järvinen, L., & Strandberg, T. (2004). Adult attachment dimensions and recollections of childhood family context: Associations with dispositional optimism and pessimism. *European Journal of Personality*, 18, 193-207. doi: 10.1002/per.508

Hinnen, C., Sanderman, R., & Sprangers, M. A. G. (2009). Adult attachment as mediator between recollections of childhood and satisfaction with life. *Clinical Psychology and Psychotherapy*, 16, 10-21. doi: 10.1002/cpp.600

Lane, R., Ryan, L., Nadel, L., & Greenberg, L. (2015). Memory reconsolidation, emotional arousal and the process of change in psychotherapy: New insights from brain science. *Behavioral and Brain Sciences*, 38, 1-80.

Lopes, F. (2012). *Transmissão entre gerações de estilos educativos parentais. Estudo exploratório de famílias com três gerações*. (Dissertação de Mestrado não publicada). Universidade de Coimbra, Coimbra.

- Mahedy, L., Heron, J., Stapinski, L. A., Pearson, R. M., Evans, J., Joinson, C., Bowes, L., & Lewis, G. (2014). Mothers' own recollections of being parented and risk of offspring depression 18 years later: A prospective cohort study. *Depression and Anxiety, 31*, 38-43. doi: 10.1002/da.22174
- Maia, J., Veríssimo, M., Ferreira, B., Silva, F., & Pinto, A. (2014). Modelos internos dinâmicos de vinculação: Uma metáfora conceptual? *Análise Psicológica, 32*(3), 279-288. doi: 10.14417/ap.853
- Matos, P. M. (2002). *(Des)continuidades na vinculação aos pais e ao par amoroso em adolescentes* (Tese de Doutoramento não publicada). Instituto de Consulta Psicológica, Formação e Desenvolvimento, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Porto.
- Matos, P. M., Barbosa, S., Almeida, H. M., & Costa, M. E. (1999). Parental attachment and identity in Portuguese late adolescents. *Journal of Adolescence, 22*, 805-818.
- Matos, P. M., & Costa, M. E. (1996). Vinculação e processos desenvolvimentais nos jovens e nos adultos. *Cadernos de Consulta Psicológica, 12*, 45-54.
- Matos, P. M., & Costa, M. E. (2001). *Questionário de vinculação amorosa*. Manuscrito não publicado. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Porto.
- McFarland-Piazza, L., Hazen, N., Jacobvitz, D., & Boyd-Soisson, E. (2012). The development of father-child attachment: Associations between adult attachment representations, recollections of childhood experiences and caregiving. *Early Child Development and Care, 182*, 701-721. doi: 10.1080/03004430.2011.573071
- Mota, C. P. (2008). *Dimensões relacionais no processo de adaptação psicossocial de adolescentes: vulnerabilidade resiliência em institucionalização, no divórcio e em famílias intactas*. (Tese de Doutoramento não publicada). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Porto.
- Moura, O., & Matos, P. M. (2008). Vinculação aos pais, divórcio e conflito interparental em adolescentes. *Psicologia, 22*, 127-152. doi: 10.17575/rpsicol.v22i1.341



- Moura, O., Spill, R., & Matos, P. M. (2010, setembro). *The Father/Mother Attachment Questionnaire (FMAQ)*. Communication presented on the 5<sup>th</sup> Congress of the European Society of Family Relations, Milan.
- Nunes, F., & Mota, C. P. (2017). Parenting styles and suicidal ideation in adolescents: Mediating effect of attachment. *Journal of Child & Family Studies*, 26, 734-747. doi: 10.1007/s10826-016-0611-6
- Oliveira, J. S. (2005). *Desenvolvimento psicossocial e estilos de vinculação: Convergência e divergência de percepções de satisfação na família*. (Tese de Doutorado não publicada). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Porto.
- Park, L. E., Crocker, J., & Mickelson, K. D. (2004). Attachment styles and contingencies of self-worth. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 30, 1243-1254. doi: 10.1177/0146167204264000
- Perris, C., & Andersson, P. (2000). Experiences of parental rearing and patterns of attachment in adulthood. *Clinical Psychology and Psychotherapy*, 7, 279-288. doi: 10.1002/1099-0879(200010)7:4<279::AID-CPP260>3.0.CO;2-7
- Perris, C., Jacobsson, L., Lindström, H., von Knorring, L., & Perris, H. (1980). Development of a new inventory for assessing memories of parental behaviour. *Acta Psychiatrica Scandinavica*, 61, 265-274.
- Qin, J., Ogle, C. M., & Goodman, G. S. (2008). Adults' memories of childhood: True and false reports. *Journal of Experimental Psychology: Applied*, 14, 373-391. doi: 10.1037/a0014309
- Ramalho, C. (2008). *(Os) Nós e os laços: Vinculação, suporte social e bem-estar em jovens adultos* (Tese de Mestrado não publicada). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa, Lisboa.
- Rodrigues, A., Figueiredo, B., Pacheco, A., Costa, R., Cabeleira, C., & Magarinho, R. (2004). Memória de cuidados de infância, estilo de vinculação e qualidade da relação com pessoas significativas: Estudo com grávidas adolescentes. *Análise Psicológica*, 22(4), 643-665.

- Rollins, B. C., & Thomas, D. L. (1979). Parental support, power, and control techniques in the socialization of children. In W. R. Burr, R. Hill, F. I. Nye, & I. L. Reiss (Eds.), *Contemporary theories about the family* (pp. 317-364). New York: The Free Press.
- Santos, S. V., & Narciso, I. (2014). *Questionário Sociodemográfico e de Desenvolvimento – Documento interno*. Faculdade de Psicologia, Universidade de Lisboa, Lisboa.
- Shaver, P. R., & Mikulincer, M. (2005). Attachment theory and research: Resurrection of the psychodynamic approach to personality. *Journal of Research in Personality*, 39, 22-45. doi: 10.1016/j.jrp.2004.09.002
- Shaver, P. R., & Mikulincer, M. (2009). An overview of adult attachment theory. In J. Obegi & E. Berant (Eds.), *Attachment theory and research in clinical work with adults* (pp. 17-45). New York: The Guilford Press.
- Shedler, J. (2010). The efficacy of psychodynamic therapy. *American Psychologist*, 65, 98-109.
- Silva, M. G., & Costa, M. E. (2005). Vinculação aos pais e ansiedade em jovens adultos. *Psicologia*, 18, 9-32. doi: 10.17575/rpsicol.v18i2.428
- Sobral, M. P., Almeida, P. R., & Costa, M. E. (2010, fevereiro). *Medo da intimidade, vinculação e divórcio parental: Um estudo com jovens adultos*. Comunicação apresentada no VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia, Braga.
- Stern, D. N. (2010). *The interpersonal world of the infant: A view from psychoanalysis and developmental psychology*. New York: Basic Books.
- Tereno, S., Soares, I., Martins, C., Celani, M., & Sampaio, D. (2008). Attachment styles, memories of parental rearing and therapeutic bond: A study with eating disordered patients, their parents and therapists. *European Eating Disorders Review*, 16, 49-58. doi: 10.1002/erv.801
- Thomson, R. A. (2008). Early attachment and later development: Familiar questions, new answers. In J. Cassidy, & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (pp. 348-365). New York: The Guilford Press.

- Toda, M., Kawai, T., Takeo, K., Rokutan, K., & Morimoto, K. (2008). Parental rearing attitudes and health-related lifestyle of university students. *Social Behavior and Personality*, 36, 551-558.
- Van IJzendoorn, M. H. (1992). Intergenerational transmission of parenting: A review of studies in nonclinical populations. *Developmental Review*, 12, 76-99.